

**¡A DESPATRIAR CALIZAR!**

**ENTREVISTAS  
COM MARIA  
GALINDO**







# Índias, putas e lésbicas: María Galindo e a desobediência feminista

Janeiro de 2020

*El Salto – El Rumor de las Multitudes*<sup>1</sup>

por Carolina Meloni González, Professora de Filosofia da Universidade de Zaragoza

“A lógica da luta não é a vitória finalista,  
mas a sabotagem permanente e tenaz”

María Galindo

*Conversamos com María Galindo, uma das vozes mais subversivas do feminismo boliviano. Fundadora do coletivo **Mujeres Creando**, movimento que está há mais de 20 anos construindo uma verdadeira “utopia feminista” rebelde, crítica, desobediente e profundamente poética, Galindo fez do desejo, do grafite, da ação de rua e da performance verdadeira poesia e alquimia combativa. Devemos a Galindo o lúcido conceito de “despatriarcalização”, uma potente ferramenta de análise e de desmontagem daqueles dispositivos de poder patriarcais e coloniais que historicamente serviram para submeter as mulheres. “Índias, putas e lésbicas, juntas, revoltadas e hermanadas”, tal é a matriz política inesperada e proibida do feminismo anticolonial e antisistêmico que defende Galindo como espaço de luta para a transformação social e pessoal.*

\*\*\*\*

***Em uma das paredes de “La Virgen de los deseos”, essa mágica casa das Mujeres Creando em La Paz, há um grafite que diz: “pensar é altamente feminino”. Situar o pensamento, a racionalidade, cuja propriedade histórica foi sempre masculina e falocêntrica, como um ato feminino resulta em si mesmo um ato de subversão e de desobediência. Não é isso que têm feito ao longo destes anos Mujeres Creando? Dar voz e palavra, apropriar-se do espaço político, da rua, através da crítica, do desejo e da resistência feminista?***

Estamos cheias de contradições. Somos um espaço experimental onde nos atrevemos a tudo; somos as que não têm nada a perder; somos menos do que gostaríamos de ser e mais do que supõem que somos; somos uma equipe de mulheres à qual se somam mulheres porque somos uma força magnética e mulheres partem porque simplesmente não é fácil fazer parte de Mujeres Creando na Bolívia. Vamos nos

---

<sup>1</sup> <https://www.elsaltodiario.com/el-rumor-de-las-multitudes/prueba-marzo>

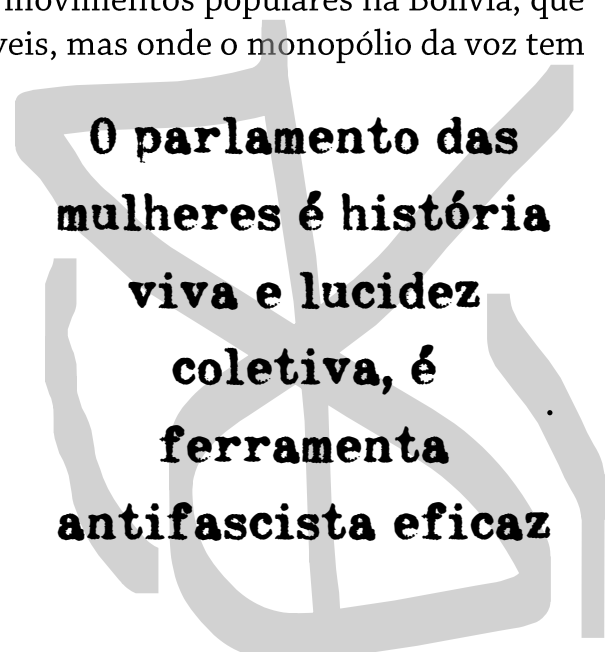
equivocando passo a passo e em tantos anos de luta e organização há muitas vezes que sentimos que tudo o que fizemos é areia em nossas mãos. Somos uma equipe de trabalho e eu sou parte dessa equipe; assinamos o que fazemos como coletivo, mas também individualmente para não apagar o esforço de cada uma. Combinamos trabalho manual, trabalho intelectual e trabalho criativo como três partes de um mesmo processo separado e hierarquizado pelo capitalismo.

Cultivamos a heterogeneidade e o conflito como os ingredientes principais de nossa cotidianidade. Estamos unidas por nossas rebeldias e não constituímos um pacto ideológico, mas um pacto ético que se sustenta em práticas concretas.

Um dos elementos que mais nos une e nos dá sentido é que não produzimos unicamente “ideologia” - no mais amplo sentido da palavra - mas produzimos algo que chamamos de “política concreta”, que são um conjunto de práticas feministas transformadoras, úteis e tangíveis, como garantir o acesso a um aborto seguro e legal. Com uma mão seguramos as urgências, com a outra acariciamos as utopias.

***Nessa luta pela resignificação de vozes femininas, sempre ilegítimas e excluídas dos debates políticos, gostaria de te perguntar sobre o “Parlamento das mulheres”. Pode nos contar em que consiste este parlamento? Que atividades realizam e qual é a sua finalidade?***

O Parlamento das mulheres combina duas vertentes: por um lado, como base principal, parte da proposta de Paul B. Preciado do “Parlamento dos corpos” que nasce no Documenta 14<sup>2</sup>. Sua proposta se inspira na Grécia de Alexis Tsipras no contexto da aplicação do ajuste estrutural e frente a um aparato democrático incapaz de dar uma saída. Como segundo ingrediente, a tradição dos movimentos populares na Bolívia, que sempre tiveram como prática debates intermináveis, mas onde o monopólio da voz tem sido dos homens. Dessa combinação nasce o Parlamento das mulheres como uma ferramenta de emergência. A Bolívia está militarizada, o país tem sido submetido a uma guerra psicológica instrumentada a partir das redes sociais, desenvolveram-se ações de terror como queimar as casas de personagens da vida pública para instalar medo, silêncio e paralização. O parlamento boliviano formal não conseguia se reunir nem dar uma saída, tal como aconteceu na Grécia. Nesse contexto, lançamos o primeiro Parlamento das mulheres, que já se organizou



**O parlamento das  
mulheres é história  
viva e lucidez  
coletiva, é  
ferramenta  
antifascista eficaz**

---

<sup>2</sup> Festival de arte contemporânea que acontece a cada 5 anos em Kassel, Alemanha. A 14<sup>a</sup> edição do festival, em 2017, dividiu-se entre Kassel e Atenas, Grécia.

em 5 cidades do país e com o qual chegamos a movimentar no total umas 3000 mulheres. Estes parlamentos têm sido organizados por diferentes coletivos recorrendo à metodologia dual à que me referi no início.

O Parlamento das mulheres abre um espaço de lucidez coletiva, de deliberação horizontal, de tomada da palavra em primeira pessoa fora de toda lógica de representação, e conseguiu materializar esperança no mais cabal sentido da palavra. Ao mesmo tempo, conseguiu deslocar as “vozes oficiais” para nos fazer escutar vozes anônimas pertencentes aos mais variados cenários sociais. Neste momento, na Bolívia, o Parlamento das mulheres é história viva e lucidez coletiva, é ferramenta antifascista eficaz, é um lugar de materialização de uma democracia radical, é um lugar hiperpolitizado fora dos partidos políticos e tudo isso é muito. Não tenho a menor ideia de qual é o curso que vai tomar porque tem vida própria.

De forma inédita é a expropriação do conceito de parlamento do estado e gosto muito disso porque o estado historicamente tem expropriado categorias, processos e tudo dos movimentos: hoje fazemos o contrário.

***Essa lógica expropriadora por parte do Estado que você está apontando, é o que em outras ocasiões você chamou de “machocracia” ou “lógica do cabido”?***

O estatismo está enraizado na tradição popular boliviana até a medula. É irônico que em uma sociedade onde o estado é colonial e pequeno a lógica de demanda perante o estado seja a máxima expressão de sentido político para os movimentos de massa. No caso do cabido, é uma forma de populismo de direitas que move massas a partir da frustração e do ressentimento e que serve para construir outras formas de



“Isto não democracia, é machocracia”

caudilhismo<sup>3</sup> e conceder às massas a vontade de um pequeno círculo de interesses. É assim que está funcionando na Bolívia, onde a cultura da mobilização social é muito forte. A *machocracia* é um dos nomes da democracia formal real que vivemos e não interessa quantas mulheres fazem parte dela porque isso não muda seu caráter de machocracia, embora eu também goste muito do nome de *necocracia* que Paul B. Preciado lhe dá.

A esquerda, acredito, está em uma crise terminal. A ideia de absorver as lutas feministas, ecologistas, animalistas, indígenas e outras para reinventar-se é uma ideia falida porque incorporam essas lutas sem mudar de paradigma e não estão dispostos a aprofundar o debate. Fazem ofertas a todos esses movimentos para legitimar-se a partir de uma visão que expirou com o século XX. Hoje já não se sustenta. Não é maquiagem o que falta, mas a necessidade de inventar novos métodos, novos paradigmas de organização. É necessário formular utopias e desencadear práticas políticas onde possamos confluir coletivamente.

As definições de esquerda e direita não me servem, não por neutralidade, mas por sua expiração e porque nos induzem a uma lógica binária simplista. A direita optou por uma proposta fascista e está se retroalimentando de um discurso delirante de um fanatismo cristão que lê a Bíblia literalmente e propõe abertamente uma teocracia. No caso da esquerda, se converteu em um cenário possibilista que pouco difere da direita, que não tem proposta contra o neoliberalismo e que necessita utilizar constantemente

as ideias que os movimentos produzem para poder dizer algo e para negociá-las mutilando-os casualmente sempre no coração. Esse pêndulo não me interessa, essa lógica do mal menor tampouco.

**A ideia [da esquerda] de absorver as lutas feministas, ecologistas, animalistas, indígenas e outras para se reinventar é uma ideia falida porque incorporam essas lutas sem mudar de paradigmas e não estão dispostos a aprofundar**

***Seguindo com a sua análise da estrutura patriarcal que atravessa essas lógicas estado-cêntricas, poderia explicar o que é e como funciona isso que você denominou “tecnocracia de gênero”?***

A tecnocracia de gênero tem sido o corpo formado por mulheres profissionais, categorias, organismos internacionais e ONGs que introduziram na América Latina as bases para que a força social das mulheres se tornasse

---

<sup>3</sup> Sistema de governo implantado e liderado por um caudilho, chefe político e militar local ou regional, líder de exércitos particulares e proprietário rural, e que geralmente atende os interesses das oligarquias tradicionais agrárias. [N.T.]

um suporte do modelo neoliberal e um amortecedor de sua aplicação do ajuste estrutural. Nasceu na década de 90 e sobrevive até hoje.

Quanto ao caráter patriarcal e colonial do estado, é um mal crônico, estagnado e fundacional que atravessa diversos momentos históricos, por isso não se trata de obter “direitos” ou de “feminizar” os espaços estatais com as mulheres: se trata de uma questão mais profunda.



“O sangue das mulheres assassinadas não é um brinquedo eleitoral”

O que temos que superar é a fixação de que a relação com o estado é a única relação política relevante. É urgente como feministas construir relações com a sociedade, espaços de autonomia, formas de política que transcendam o que o estado pode compreender. É urgente, ao mesmo tempo, decompor a questão “das mulheres”; a interseccionalidade é um instrumento valioso, mas acredito que essas categorias devem ser reinventadas e tornadas muito mais complexas. Uma mulher não representa outra mulher, apenas sob os critérios biológicos e não ideológicos. O lugar das trans corrói o conceito e o desafia. No Parlamento das mulheres, as mulheres trans contribuíram para o discurso não como diferença, mas como uma análise substancial, porque houve muitas que vieram com voz própria para virar tudo de cabeça para baixo. Sem elas, é impossível falar do Parlamento das mulheres.

***São esses processos que descreve os que recolheria seu conceito bem-sucedido de “despatriarcalização”? O que é e em que consiste esse complexo processo que, como um martelo feminista, começou a desestruturar diferentes dispositivos de poder que considerávamos intocáveis? Quais as relações entre os processos de descolonização e despatriarcalização?***

A despatriarcalização é um conceito complexo nascido no contexto da assembleia constituinte boliviana, cenário em que se reiterou a ideia hegemônica liberal de que as



questões se resolvem com a retórica concessão de direitos ou com a enunciação de direitos. É em resposta a isso que formulo a tese da despatriarcalização. Tem a potência de reposicionar os feminismos fora do discurso liberal de direitos e em um plano anti-sistêmico. Não se trata de feminilizar, mas de despatriarcalizar. A despatriarcalização é uma alternativa à ideia de igualdade, de inclusão e de direitos e visa abrir uma nova matriz de lutas e propostas porque põe em questão as estruturas.

A descolonização é outra grande vertente de transformação social imprescindível com a qual questionamos o fato da ausência de análise das relações coloniais como estruturas patriarcais, por isso proponho que não se pode descolonizar sem despatriarcalizar e vice-versa. Conectar a despatriarcalização com a descolonização também tem sido a forma de intervir o indianismo fundamentalista, que não consegue sequer reconhecer a autonomia política das mulheres, e que critica, aponta e ridiculariza a desidentificação indígena realizada por muitas mulheres jovens que não desejam ser as depositárias da “tradição”, da “comunidade” e da tirania do controle social cultural.

***Você é muito crítica de um certo feminismo. Você passou a falar de uma "revolução feminista fracassada" e a defender um termo diferente de "feminismo". Você também questionou o conceito banal de "empoderamento". O que você quer dizer com essa revolução fracassada? Que diferenças haveria entre o dito empoderamento e um processo de desobediência verdadeiramente horizontal, antagônico e desestruturante?***

O discurso feminista está sendo cooptado por estados, partidos políticos e empresas. Em muitos casos, esta cooptação é celebrada com triunfalismo e francamente cansei um pouco de esclarecer que este feminismo não é o meu, por isso procuro uma palavra que possa representar essa diferenciação. A fracassada revolução feminista é muito bem visualizada em torno das confusões e simplificações do uso da categoria de gênero, como a ideia de igualdade de gênero e outras.

A fórmula do empoderamento representa muito bem o mesmo problema, a análise do poder e as relações de poder são abandonadas e este empoderamento é automaticamente proposto a nós, o que no fundo é nos dizer que o que falta para nós que estamos “abaixo” é poder. O mesmo é feito com povos indígenas, populações LGTBI, populações ditas descapacitadas e outras. É uma armadilha muito clara, mas que se espalhou em muitos cenários. O que proponho é ir contra a corrente tomando-lhes a palavra e exigindo não empoderamento, mas desempoderamento de

**Diante do poder,  
você não se  
empodera, você se  
rebela; essa é a  
única forma de  
desestruturar  
qualquer relação de  
poder**

banqueiros, juízes, policiais, padres, médicos, psiquiatras, professores e outros. Diante do poder, você não se empodera, você se rebela; essa é a única maneira de desestruturar qualquer relação de poder.

***Se a genealogia histórica do feminismo nos é apresentada como “uma ideologia colonial ocidental”, que tipo de genealogias insuspeitadas as feministas latino-americanas devem assumir para não serem consideradas um simples apêndice exótico do feminismo branco e europeu?***

Devemos enunciar a multiplicidade de genealogias, seu caráter paralelo e simultâneo e arranhar a história descolonizando a história da filosofia, da arte, da humanidade e da ciência, não há outro caminho. Por exemplo, em meu livro *No hay libertad política si no hay libertad sexual* [Não há liberdade política se não houver liberdade sexual], dedico-me no capítulo sobre o universo erroneamente denominado "indígena" a investigar, por exemplo, nas vozes linguísticas do aimará para dizer homem e para dizer mulher, vozes que revelam não um binário de gênero, mas uma complexa multiplicidade que foi perseguida e extirpada pela Igreja Católica nesta parte do mundo nos primeiros anos do regime colonial.



“Sua Igreja crucifica mulheres todo dia, o feminismo as ressucita”

Para além disso, trata-se de escrever, de produzir teoria e de ler a realidade que nos contém, não de ler autoras europeias e forçar a aplicação de suas teorias e visões. Que é um cânone do pensamento acadêmico nesta parte do mundo.

Não entendo como uma revisão historicamente crítica da *História da Sexualidade* de Foucault ainda não foi feita, historicamente no mundo andino a extirpação de idolatrias teve um impacto maior do que a era vitoriana para citar um único exemplo.

***Como, então, redefinir o feminismo a partir de matrizes de pensamento e bases teóricas diferentes, subversivas, radicalmente combativas, críticas e anti-sistêmicas? Às vezes você se refere a um “feminismo intuitivo”, indigesto,***

***impróprio e inaceitável, que dá origem a alianças impossíveis, inusitadas e proibidas. Poderia me descrever como concebe esse horizonte utópico?***

Não consigo fazê-lo em duas palavras. Não acho que se trate de desenhar uma sociedade ideal, acho que a ideia de uma revolução finalista da qual exigimos perfeição está ultrapassada. Vivo em uma sociedade que combina o culto ao sacrifício com o mais profundo hedonismo. Faz sentido porque o mais incerto por aqui é a sua própria vida, e só esse fato te coloca no presente imediato de forma permanente.

Temos a opção de construir espaços minúsculos que atingem um valor descomunal graças à força utópica que contêm, graças à capacidade de tornar mais complexos os seus limites de relação com a sociedade. Espaços como este só são possíveis se estiverem fora da instituição, fora da lógica identitária, seja ela qual for, fora da lógica da reivindicação de quaisquer direitos que sejam. Temos que propor a produção de justiça, saúde, sistemas econômicos ou educação, por exemplo, a partir de visões autônomas experimentais, antiestatais e antiinstitucionais. Nós, por exemplo, nos concebemos como uma fábrica de produção de justiça entre outras coisas e, a esta altura, conseguimos fazer com que a própria sociedade nos reconhecesse dessa forma.



O que estou dizendo, que parece muito estranho, é o pão de cada dia na Bolívia. Para dar um exemplo, os circuitos da medicina ancestral tradicional são mais confiáveis, amigáveis e difundidos do que aqueles que o estado pode conceder e funcionam sob paradigmas contrários aos da medicina ocidental. Lá, por exemplo, a psicossomática é estrutural, tudo é psicossomático de antemão. O médico dá medo e tem que disputar

sua credibilidade com a do *yatiri*<sup>4</sup> que é visto, pelo menos na parte andina do país, com mais respeito e credibilidade.

***Você também é muito crítica em relação aos discursos de inclusão e às políticas de identidade. Volto a uma questão que você mesmo levantou: as identidades constituem realmente uma ameaça subversiva contra o sistema patriarcal, colonial, capitalista e heterossexista?***

Como lésbica, fiquei entediada com os coletivos lésbico-feministas e sua capacidade de repetir discursos eternamente. A identidade é sempre um envelope homogeneizante, em muitos casos torna-se testemunhal e vitimista, outras vezes torna-se palco de fundamentalismos. Estou convencida de que somente se construirmos sujeitos políticos complexos a partir do que chamei de “alianças inusitadas”, poderemos encontrar chaves mais precisas para dismantelar estruturas, lógicas e dinâmicas de opressão. As políticas e espaços identitários transformados em estantes rígidas com roteiros oficiais dos quais não se pode sair são parte da política neoliberal.

Acredito, por exemplo, que é heterossexista exigir casamento igualitário não só pela inegável história do casamento como contrato de propriedade, mas porque resulta na reiteração da estrutura familiar patriarcal, mesmo que seja liderada por duas mães ou dois pais. Esse é um dos melhores exemplos de que políticas identitárias encerram suas agendas em um circuito muito curto e conservador. Claro que a oposição da direita fascista e das igrejas ao casamento igualitário dá a ele uma margem para se apresentar como um instrumento de desestabilização, mas é uma margem estreita.

Não estou disposta a perder nem um segundo de vida em uma política identitária, embora me apresente publicamente como lésbica. No meu caso, isso faz sentido fora dos cenários de reivindicação da diferença para se tornar um discurso indigesto. Assim, sim.

***Sua posição sempre foi muito crítica em relação a Evo Morales. Podemos explicar a conjuntura atual a partir de uma lógica perversa cainita, maniqueísta e polarizada, lógica que marcou os acontecimentos dos últimos meses na Bolívia?***

Na Bolívia, após a derrubada de Evo Morales, instalou-se uma visão polarizante e fascistizante de bandos: está comigo ou está contra mim. Uma suposta dicotomia entre a esquerda representada por Evo Morales e a direita representada pelo atual governo. O confronto foi cruel e até agora ocorreram dois massacres e as cidades do país estão militarizadas. No partido do Movimento ao Socialismo (MAS) houve uma debandada, quase todos fugiram e personagens anônimos como o atual presidente do Senado, Eva

---

<sup>4</sup> “Yatiris são médicas/os e curandeiras/os comunitárias/os entre os aimarás da Bolívia, Chile e Peru, que usam em sua prática símbolos e materiais como folhas de coca. As/Os yatiris são uma subclasse especial da categoria mais genérica Qulliri, um termo usado para qualquer curandeira/o tradicional na sociedade aimará.” (Wikipedia) [N.T.]

Copa, uma estudante de serviço social da universidade pública de uma das cidades mais pobres do continente como é El Alto, assumiram responsabilidades muito difíceis.

A tese do golpe de estado que apresenta Morales como vítima do imperialismo é uma tese que não aceitamos. Na Bolívia realmente houve um golpe de estado e hoje é defendida no país a intervenção da CIA. Mas a crise política foi de longo prazo e o MAS não teve a capacidade de ler o que estava acontecendo devido à embriaguez do poder. O caudilhismo de Evo Morales foi combatido pelas forças de direita com outro caudilho antagônico. O caudilhismo é, portanto, uma forma política protagônica da crise e que deve ser discutida em profundidade.

Os que golpearam contra o governo de Morales eram seus próprios aliados na região de Santa Cruz, uma região de estrutura feudal latifundiária que queimou a floresta Chiquitana<sup>5</sup> em agosto deste ano com projetos de exportação de carne para a China e expansão da fronteira agrícola para a produção de necrodiesel. As igrejas fundamentalistas que fazem parte do golpe de estado têm sido suas aliadas, razão pela qual na Bolívia o aborto não foi descriminalizado e a lei de identidade de gênero foi declarada inconstitucional, tornando-a inútil para a população trans porque não garante mais que a mudança de nome no documento de identidade sem as garantias de exercício de qualquer outro direito.

Levantar um espaço fora dessa visão binária, polarizante e fascista está nos custando todos os tipos de ameaças, todos os tipos de insultos e nos colocando em um lugar que muitas pessoas aplaudem e precisam, mas que é de muita visibilidade e exposição, enquanto uma grande massa crítica se refugiou no silêncio. Não posso deixar de dizer que é muito fácil dar uma opinião de fora do país sobre o que está acontecendo. É muito cômodo e necessário para a esquerda internacional vitimizar Evo Morales e continuar alimentando uma polarização tóxica, porque nela aposta sua própria vacinação contra toda crítica. Ser contra o binarismo político e contra a fascistização não é assumir uma neutralidade. Tenho que chamar dezenas de pessoas para falar no rádio que preferem ficar confortavelmente caladas, mas eu continuo indo ao ar todas as manhãs. Se hoje existe uma voz denunciando tudo o que está sendo cometido na Bolívia, somos nós; se houve uma voz contra o fascismo que ganhava força, éramos nós, mas isso não significa que ficamos ao lado do bando de Evo Morales.

---

<sup>5</sup> “O povo Chiquitano foi constituído a partir de um amálgama de grupos indígenas aldeados no século XVII pelas missões jesuíticas. Habitantes da região de fronteira entre Brasil e Bolívia, foram compulsoriamente envolvidos em conflitos políticos e diferenças culturais decorrentes de uma divisão territorial que não lhes dizia respeito. A grande maioria desse povo está na Bolívia. Os que moram no Brasil têm sido explorados como mão-de-obra barata por fazendeiros, os quais também representam uma ameaça constante de invasão aos poucos territórios que lhes restam.” (<https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Chiquitano>) [N.T.]

É um conflito que tem muitas camadas. Há uma nova guerra pelo controle das matérias-primas, neste caso o lítio; há uma promessa de retorno à supremacia branca, portanto, é um processo abertamente racista; há uma relegitimação do homem violento como ator principal, então há uma promessa ao homem violento de devolver-lhe o poder de controle sobre as mulheres; há uma promessa abertamente homofóbica e misógina; há uma promessa de garantir o controle sobre a terra ao empresariado proprietário de terras e ao agronegócio. Em suma, muitas dobras para as quais o governo de Evo Morales também não era uma alternativa. A Bolívia precisa sair da armadilha golpe/não golpe, de Evo vítima ou malvado.

# Feminismo bastardo

Maio de 2020

reVISTA, nº2

por Pamela Valdez Cuba, professora de Filosofia na escola e na universidade, e está a cargo de um programa na Radio Deseo<sup>6</sup>

*Uma das vozes mais recentes na cena intelectual boliviana é a de María Galindo. Abertamente rejeitada por muitos, ela se tornou uma referência para centenas de mulheres e homens que não só valorizam seu ativismo, mas também a originalidade de suas ideias. Na ocasião, Pamela Valdez entrevista María Galindo.*

\*\*\*\*

***Na vida pública o nome de María Galindo está associado a “Mujeres Creando” e tudo o que isso acarreta. Em meio a opiniões de todos os tipos, sua presença na cena pública boliviana é inegável. Mas nunca se termina de conhecer alguém. O que você pode nos contar sobre María Galindo hoje? Como você se descreve?***

Não sei o que te dizer, apresento-me como anti-senhorita porque me fascina a potência que a condição étnica tem na Bolívia para classificar as mulheres. Me apresento como cozinheira porque me fascina o poder do trabalho manual e porque a condição acadêmica e os saberes acadêmicos estão em uma crise profunda, e porque os outros saberes são constantemente desprezados, além do fato de que na Bolívia vivemos um “*titulitis*”<sup>7</sup>. As universidades privadas oferecem títulos acadêmicos e as pessoas gostam muito de exibi-los e colecioná-los como parte de um carreirismo<sup>8</sup> patético. Sou uma “*abajista*” porque, embora tenha nascido em uma família de classe média alta, a direção que tomei em minha vida foi, ao invés de subir, descer socialmente. Eu vou para baixo e boa sorte para quem vai para cima. Me apresento como lésbica porque minha condição lésbica é uma das coisas mais bonitas na minha vida. Faço parte das Mujeres Creando, mas faço muito trabalho solitário. Cultivamos o direito legítimo de todas de assinar e assumir a responsabilidade do que fazem em nível pessoal. Nesse contexto, não falo em nome de “ninguém”, nem estou cavalgando o trabalho de ninguém além de mim. Participo de um coletivo porque a coletividade é uma dimensão fundamental do pensamento, da solidariedade e da prática política.

---

<sup>6</sup> Rádio das Mujeres Creando. Dirigida por María Galindo e Sergio Calero com base nos princípios: “não ao machismo nem à misoginia, não à homofobia, não ao racismo, não ao classismo, respeito ao aborto e respeito às mulheres em situação de prostituição”. [N.T.]

<sup>7</sup> Valoração excessiva de títulos acadêmicos. [N.T.]

<sup>8</sup> No original “*arribismo*”: ambição, desejo de alcançar sucesso a todo custo, sempre subir. [N.T.]

**Para o público em geral, a história do feminismo na Bolívia é desconhecida, talvez até um tabu. E ainda assim existe. Como você chega ao chamado “feminismo” na Bolívia? É possível identificar algum acontecimento ou experiência de vida, alguma leitura ou pessoa, que explique o surgimento da feminista María Galindo? Existe algo que divide sua vida entre um “antes” e um “depois” de sua conversão ao feminismo? O que motiva sua razão de ser?**

Tenho muitos problemas com a categoria “feminista”. Por isso mesmo desenvolvi o conceito de “feminismo intuitivo”, que é uma forma de feminismo que nasce não da posição ideológica, mas da posição existencial. Nesse contexto, talvez eu sempre tenha sido uma feminista. Militar meia hora na esquerda boliviana é o suficiente para se tornar uma feminista.

Decidi fundar Mujeres Creando a partir de dois acontecimentos: por um lado, a crise da esquerda boliviana dos anos oitenta - uma esquerda sem ideias, utilitária das mulheres, chata, vanguardista, caudilhista - e, por outro, um neoliberalismo que, usando a categoria de gênero baseada em ONGs, precisava funcionalizar a força e o trabalho das mulheres como um colchão amortecedor contra o custo social do ajuste estrutural.

Eu não me subscrevi ao feminismo. Na verdade, Mujeres Creando nasceu publicando um livro esgotado e intitulado *Y si fuésemos una espejo de la otra, por un feminismo no racista* [E se fôssemos uma o espelho da outra, por um feminismo não racista] (1992). Ou seja, nascemos afirmando o que pensamos, não nos atribuindo a um feminismo eurocêntrico. Nesse contexto, somos gestoras de nossa própria visão. Não me converto ao feminismo. Quando fundamos Mujeres Creando, não existia absolutamente nenhuma organização com essas características na sociedade. Por isso, acredito que abrimos uma brecha e protagonizamos um autêntico ato fundador, não só no contexto boliviano, mas também na região latino-americana. Eu viajo muito, não levando a voz de ninguém, mas a partir do meu próprio trabalho. Conheço todo o continente e muitos coletivos em países como Alemanha ou Espanha, e nunca - e isso é sério - encontrei uma prática como a desenvolvida pelas Mujeres Creando.

**Meu feminismo  
muito pessoal o  
chamaria de  
“bastardo”, eu  
sou  
ideologicamente  
bastarda**

Agora, voltando ao meu feminismo, meu feminismo muito pessoal o chamaria de “bastardo”, eu sou ideologicamente bastarda.

**Existem diferentes formas de viver o feminismo ou qualquer outra posição frente ao mundo. É muito popular a figura do revolucionário de café que planeja a**



**revolução com um copo de uísque importado e que despreza a festa popular que não foi domesticada à sua medida. Diz-se que a rebeldia é, para algumas e alguns, uma fase da juventude abrigada pela riqueza da família. Possivelmente você poderia ter escolhido uma vida pequeno-burguesa confortável, “sem tanto alarde”. Por que não o fez?**

Tenho uma vida muito feliz. Além de feminista, sou hedonista, me entrego a todas as formas de prazer e não há nada que eu goste mais do que curtir a vida. Não concebo a luta como um sacrifício social do tipo cristão. Eu concebo a luta como um ato lançado para a eternidade, a luta é infinita, não termina. Não é uma jornada de trabalho, não é uma meta a ser alcançada. Nesse sentido, a desobediência e a criatividade que esta luta contém me enchem de alegria. Muitas de nossas reuniões são verdadeiros motins de risadas. A única coisa triste e dolorosa é a quantidade impressionante de mulheres que nos abordam de forma utilitária para copiar, para dizer que estiveram conosco e nos levar como broche. Depois, tudo é maravilhoso.



Minha vida de casada com filhos e um marido teria sido um suplício, uma tortura, um tédio eterno, um suicídio existencial. As mulheres que renunciam à sua liberdade se suicidam. E quando querem recuperar sua liberdade, são assassinadas pela pessoa que afirma amá-las.

***Você experimentou em carne própria a transição do feminismo na Bolívia como uma expressão criolla<sup>9</sup> de “moças de Sopocachi”<sup>10</sup> para um feminismo “con polleras de la Garita”<sup>11</sup>. Como você vivenciou essa transição e como avalia o feminismo hoje na Bolívia? Em que sentido podemos falar de um feminismo “boliviano”?***

Para mim, os grupos de jovens feministas da UMSA<sup>12</sup> ou das universidades privadas - brancas magrinhas que afirmam defender os territórios se apropriando das lutas de terceiras e que não conseguem tematizar suas próprias vidas - me entediam. O feminismo que me interessa não está aí.

Eu vejo o “feminismo intuitivo” como uma potência social gigante. Esse feminismo explodiu diante dos meus olhos na grande rebelião das devedoras do ano 2000, movimento que foi gestado pelas Mujeres Creando. Explodiu na Organização das Mulheres em Prostituição (OMESPRO) com quem elaboramos a Lei dos bordéis autogestionários enquanto tomávamos sopa na Virgen de los Deseos.

**A descolonização e a despatriarcalização são duas vertentes imprescindíveis das lutas que virão e que não terão o Estado-nação como circuito principal.**

Esse feminismo está dissolvendo a família e levando o aparato da justiça estatal ao colapso. Para este feminismo, Mujeres Creando é uma fonte inesgotável de contestação, dignidade e luta. Para esse feminismo, Mujeres Creando é a fábrica de produção de justiça, como disse Silvia Federici quando ela veio nos visitar em 2010. Porque, diga-se de passagem, Silvia Federici deu a oficina de seu livro *Calibã e a bruxa: Mulheres, corpo e acumulação primitiva* na Virgen de los Deseos e tivemos uma conferência juntas no Museu de Etnografia e Folclore. Na ocasião, também foi convidada Irene Silverblatt, que escreveu o melhor livro sobre as mulheres do período entre pré-colonial e

conquista<sup>13</sup>. Tudo isso deseja-se que seja esquecido. Graças a Principio Potosí<sup>14</sup>, que foi

<sup>9</sup> São chamadas *criollas* as pessoas de ascendência exclusiva ou majoritariamente espanhola nascidas na América Latina, e que pretendem, devido a sua ascendência, distinguir-se de latino-americanos multi-raciais ou de origem imigrante europeia pós-colonial. [N.T.]

<sup>10</sup> Bairro artístico e boêmio em La Paz, Bolívia. [N.T.]

<sup>11</sup> A *pollera* é um traje típico das mulheres aimarás. A entrevistadora provavelmente está se referindo aqui à transição de um feminismo mais elitista para um feminismo mais popular. [N.T.]

<sup>12</sup> Universidade Maior de San Andrés. [N.T.]

<sup>13</sup> *Luna, Sol y Brujas: género y clase en los andes prehispánicos*. [N.T.]

<sup>14</sup> “É um curta baseado na famosa pintura da colina de Potosí transformada em Virgem, de autoria anônima do ano de 1730, pintura que retrata com maestria a história colonial com o instrumento do sincretismo indígena colonial. pintura que mais tarde foi convertida em patrimônio do estado-nação republicano e colonial. O curta consiste em uma desconstrução da pintura símbolo por símbolo. Processo visual de descolonização e despatriarcalização.” (<http://mujerescreando.org/principio-potosi/>) [N.T.]

uma mostra de escala mundial, e a tudo o que fizemos em torno dessa mostra, o livro de Silvia Federici é recuperado do esquecimento pela editora Traficantes de Sueños de Madrid.

Esse “feminismo intuitivo” precisa ser reconhecido e articulado, mas é uma questão de tempo. Por isso, os partidos políticos como o MAS (Movimiento al Socialismo) se ferraram e quiseram se apropriar das bandeiras da despatriarcalização. Uma tese de minha autoria que retrata o que aquelas mulheres me deram: um processo submerso e subterrâneo de despatriarcalização.

A respeito de um “feminismo boliviano”, acho um erro entender a luta feminista dentro dos limites do Estado-nação. O feminismo, os feminismos, são lutas que extrapolam os limites do Estado-nação como categoria sociopolítica. Nesse contexto, não faz muito sentido falar de um feminismo boliviano. Mas estou convencida de que a despatriarcalização é uma matriz e um horizonte imprescindível que permite, conceitualmente, abrir um sentido de época, definir um horizonte e possibilitar a confluência de muitas lutas feministas que provêm de diferentes vertentes, e que só ela vai combinar. A descolonização e a despatriarcalização são duas vertentes imprescindíveis das lutas que virão e que não terão o Estado-nação como circuito principal.

***Ligada ao que disse acima, está sua crítica, às vezes ácida, mas devastadora, à família e à maternidade. No entanto, para muitas mulheres, afastar-se dos valores convencionais pode ser tremendamente destabilizador e doloroso. Esses valores estão ligados a diferentes exercícios de poder, como o do Estado. Nesse contexto, o que você acha da maternidade e da família, uma mulher pode ser feliz sem ter família ou filhos e como? E que consequências isso teria para o Estado?***

Nós mulheres estamos destruindo a família. A grande crítica da família nasce quando queremos pensar no feminicídio e na irresponsabilidade paterna, que não são uma anedota, mas um fenômeno gigante na sociedade boliviana. O que propomos é a reinvenção da maternidade e da paternidade. Não critico a família partindo de um escritório ou de uma posição teórica como lésbica. Eu faço isso a partir da análise do que está acontecendo em massa. Precisamente, o questionamento da violência sexista é simultaneamente o questionamento da família, da maternidade e do amor romântico. O que vem no caminho é o questionamento do trabalho doméstico como servidão. Nós, mulheres, estamos pressionando a uma crise da masculinidade de dimensões gigantescas.



Uma vez por semana recebo mulheres por um período de 20 minutos e fico exausta com as confidências que vêm trocar comigo. O produto dessas conversas é o livro *Espejito Mágico* [Espelho Mágico] (2016), que é um livro de retratos de mulheres onde atesto a forma como as mulheres estão se reinventando autenticamente e, a partir disso, borrando tudo.

O Estado é nada menos que um estorvo. As mulheres com quem con Spiro já inventaram uma sociedade além do Estado. Abortamos, por exemplo, de forma contínua, não só sem autorização do Estado, mas para além do discurso hegemônico de condenação. Nós nos fizemos perguntas políticas coletivas e pessoais que desestruturam tudo.

Um caso que me fascinou aconteceu no ano passado: o caso da leiteira que matou o estuprador de sua filha em uma comunidade no Altiplano. Ela foi parar na prisão e lutamos até libertá-la. Do ponto de vista do Estado, aquela mulher estaria condenada à prisão perpétua: por ser pobre e por ser falante de aimará. Quando alcançamos sua liberdade, queríamos que ela fosse com sua filhinha para nossa casa para estar “protegida”. Ela foi muito firme e exigiu de nós, ela mesma, que fôssemos à sua comunidade, com os seus animais, à sua casa. Fomos visitá-la várias vezes. Essa mulher não se deixou tocar nem um pêlo pela comunidade, ela faz frente às próprias mulheres e tivemos o privilégio de ser suas cúmplices na gigantesca interpelação que ela está protagonizando. Você diria que essa mulher é feminista? A resposta é inútil, assim como a pergunta.

***Alguns teóricos apontam que o Estado instrumentaliza os valores da sociedade. No atual contexto de pandemia, parece que os conceitos de “família”, “casa” e “mãe” estão sendo instrumentalizados em todo o mundo. O que você acha a respeito disso de sua perspectiva feminista?***

O discurso oficial estatal planetário é centrado assim. Dizem que a única coisa com a qual você deve se preocupar é a sua família e que os afetos terminam aí. Isso é reacionário, conservador e perigoso. Ao mesmo tempo, muitas mulheres estão vivendo esse confinamento como uma verdadeira tortura, um retorno à servidão, um perigo iminente para suas próprias vidas. As mulheres na sociedade boliviana fizeram da rua uma verdadeira válvula de escape do conflito familiar, da ditadura do macho e do perigo da violência. Este confinamento nos puxa de volta. É por isso que escrevi sobre a desobediência. É por isso que estamos desafiando FIQUE EM CASA PORQUE FICAR EM CASA NÃO É O MESMO QUE CALAR-SE EM CASA. Se você olhar de perto, são grandes os setores de mulheres que não estão se deixando trancar. Elas tomaram conta do espaço público, mesmo que apenas até o meio-dia, de forma tão decidida, que nem mesmo a polícia se atreve com elas, especialmente sob o rosto de fruteiras e verdureiras. Me preocupa muito o futuro das trabalhadoras sexuais, mas acho que se há um universo que

está dando estratégias de saída e opções, são as mulheres. A pandemia é uma crise de cuidados à qual os Estados não têm capacidade de responder. Hoje, saber cuidar do outro, da outra, tem se mostrado como o saber mais valioso para a sociedade, e esse saber está nas mãos das mulheres. Hoje é a medicina caseira das avós e mães que pode salvar nossas vidas, não o sistema de saúde. As *ollas comunes*<sup>15</sup> que apareceram sem permissão para centenas em todos os cantos do país para responder à lógica neoliberal, são estratégias que estão vindo das mulheres e são mais eficazes do que os auxílios.



Por outro lado, estamos indo diretamente à uma quebra do Estado e a um endividamento para salvar a burocracia. Por isso é vital o que essas mulheres estão fazendo, porque estão construindo autonomia em um momento de crise muito profunda. O próximo capítulo será lutar para que os burocratas não nos obriguem a pagar suas contas.

***A sede das “Mujeres Creando” está localizada na cidade de classe média de La Paz. Dessa trincheira, o ativismo feminista alcançou Santa Cruz e outras regiões. Mas ao lado desta cidade está outra cidade que, para muitos, é incompreensível por suas peculiaridades econômicas, culturais e até idiossincráticas: El Alto. O que “Mujeres Creando” alcançou na cidade de El Alto e o que o feminismo aprendeu com os habitantes desta cidade?***

Estamos em Sopocachi porque não tínhamos dinheiro para comprar uma casa em La Ceja e porque precisávamos que a casa fosse autogestionada; ou seja, vender serviços que nos permitam sobreviver. Estrategicamente, é melhor estar no centro da cidade, onde as mulheres de todos os lugares podem convergir, do que em uma área periférica. Na verdade, Mujeres Creando nasceu na Villa Las Delicias, onde eu tinha minha casa,

---

<sup>15</sup> Literalmente “panelas comuns”. Cozinhas solidárias organizadas de forma autogestionada por moradores de um bairro/comunidade para resolver a necessidade básica de se alimentar. [N.T]

era uma tortura e uma despesa tremenda para as mulheres chegarem a esse ponto vindas de diferentes áreas da cidade.

Agora, indo para a sua pergunta, não alcançamos nada em lugar nenhum, não somos um movimento expansionista, não estamos tentando convencer ninguém de nada. Além disso, cultivamos um feminismo difícil e não queremos fazer coletividade com companheiras que não estejam dispostas a entrar em um pacto ético conosco. É preciso entender que nossas ações na sociedade têm características completamente diferentes. Estamos mais interessadas na qualidade das relações que cultivamos entre nós do que na quantidade dessas relações. Estamos mais interessadas no processo que cada companheira faz, do que em ser muitas. Estamos mais interessadas na conjunção entre trabalho manual, trabalho intelectual e trabalho criativo do que em ser centenas. Somos uma espécie de oficina experimental para nós mesmas. A partir de agora, a grande influência de Mujeres Creando na sociedade e no conjunto do feminismo a nível mundial vem, não de uma onda de expansão, mas do tipo de discussões e práticas políticas que protagonizamos. Agora, vou te dizer, das integrantes das Mujeres Creando em La Paz, 80% são de El Alto. Coincidência? Não sei.

O que aprendemos com El Alto? E também de Río Abajo, Achachicala e Villa Fatima? Pessoalmente, acredito que La Paz e El Alto estão intrinsecamente ligados. A Lei da prostituição autogestionada, por exemplo, não conseguimos implementar em El Alto. Lá, os cafetões nos fizeram correr com ameaças de morte. E são personagens vinculados às chamadas organizações sociais. Há uma máfia sindical muito densa e muito fodida em El Alto. Talvez seja por isso que as Mujeres Creando são de El Alto, como um meio de fuga. Pode ser.

Costumava ser convidada semanalmente para a UPEA<sup>16</sup>, para diferentes grupos. Sempre que pude compareci. Defendemos uma trabalhadora que foi estuprada em um escritório da universidade. Lá, dentro das paredes da UPEA, aprendi que um insulto mais doloroso do que “chota” é que te digam “chota de 5 centavos”<sup>17</sup>.

### ***Em resumo, quais são para você os maiores desafios e tarefas do feminismo em nosso país hoje?***

Não existe um feminismo, existem muitos feminismos. O feminismo de “classe média” partidário juvenil eurocêntrico não tem absolutamente nenhum horizonte. A tecnocracia de gênero centrada nas ONGs que tira o pó de sua tese da igualdade homem-mulher sempre que pode, também não tem nenhum horizonte.

O feminismo das Mujeres Creando completou um ciclo muito importante e tem que começar um novo ciclo, desde que vá para uma mutação importante.

---

<sup>16</sup> Universidad Pública de El Alto. [N.T.]

<sup>17</sup> *Chota* é um termo racista que visa categorizar as mulheres de acordo com sua vestimenta e sua cor de pele. [N.T.]

As mulheres bolivianas precisam articular com urgência as lutas despatriarcalizadoras baseadas nas liberdades sexuais e nas alianças entre diferentes - que chamo de “alianças insólitas”. Do contrário, também não teremos nenhum horizonte.

Portanto, tudo está por fazer, escrever e debater. O primeiro marco importante desta segunda fase foi o Parlamento das Mulheres lançado, em meio à crise fascista, pelas Mujeres Creando, e que foi replicado em todo o país.

***María, você concorreu à assembleia. Mas sabemos que é anarquista. Seu confronto com o Estado afetou inclusive seus laços familiares (ao extremo parece de “romper” com seu próprio irmão, ex-assessor do governo Carlos Mesa). Como você resolve essa contradição? Como uma anarquista se candidata à assembleia?***

Eu fui muito amiga da Roberta Benzi, a primeira transexual da sociedade boliviana. A candidata era Roberta e, por motivos de saúde, ela teve que renunciar à candidatura. O partido teria colocado qualquer outra pessoa. Então, ela me pediu para substituí-la. Registre que Roberta foi a única transexual candidata à assembleia. Aceitei sua oferta como um ato lúdico. Na verdade, o que me dediquei é à elaboração coletiva da Constituição Política Feminista do Estado. Algo que saiu como fruto do nosso processo constituinte em várias edições. A vendemos até o cansaço, e depois a publiquei em meu livro *No se puede descolonizar sin despatriarcalizar* [Não se pode descolonizar sem despatriarcalizar]. Nesse contexto, não foi uma candidatura nos termos convencionais.

Não rompi com meu irmão quando ele era ministro de Mesa. Minha família me expulsou e me deserdou por volta dos 18 anos, quando me declarei lésbica. E quando me declarei publicamente lésbica, aos 24 anos, fui totalmente repudiada, e com uma crueldade ainda maior. O que qualquer família é capaz de exigir de uma mulher, de uma filha, é a própria vida. Recusei-me a desistir da minha liberdade e paguei um alto preço por isso.

Quanto à minha condição de anarquista, lembremos que também me apresentei na Ouvidoria no ano acho que 2017 ou 2018, isso também seria contraditório. Começamos dizendo que as contradições ideológicas são válidas, importantes e que nada é puro, perfeito e sem contradições. Quem proclama purezas torna-se um fascista.

Quanto à coerência entre ser anarquista e concorrer a um cargo, acho interessante fazê-lo no caso da Ouvidoria. Eu sabia que seria descartada. Na verdade, a primeira pasta que jogaram no lixo foi a minha. O relevante é concorrer para questionar. Tanto a candidatura à Assembleia Constituinte como a nomeação para a Ouvidoria foram palestras públicas de foder, é disso que se trata. Não estou dizendo que você não vai me ver concorrendo à presidência do país por diversão, ha ha ha.

***Voltando a falar sobre conversão e confissões, é conhecida sua crítica e ativismo contra as instituições religiosas e os poderes dominantes. Mas pouco ouvimos sobre suas convicções: você acredita, por exemplo, na vida após a morte? Falando filosoficamente, você acredita na existência de algum poder supremo no universo? Você é atea ou crente? Você tem alguma crença?***

Quero te dizer que tive que fugir do país nos anos 80. Algumas freiras me ajudaram. Saí do país como noviça e fui para o Vaticano. Me formei lá. Tive de estudar a história da Igreja Católica e terminei minha formação acadêmica em uma universidade pontifícia.

Sou atea, de toda fé patriarcal, de toda afirmação de um DEUS único, não tenho religião nenhuma.

As mortas/mortos e seu mundo complexo, a magia, a vida dos objetos, a beleza e força de todos os tipos de fetiches e as cargas de energia que tudo no universo possui são o assunto de outra entrevista.

***Por fim, a partir da experiência vivida com seu corpo nesses anos, o que você poderia dizer a outro corpo sobre a vida?***

Que o corpo é a realidade principal, que vivemos numa sociedade sem corpo, que o patriarcado é a anulação do corpo, que o capitalismo é o confinamento do corpo, que as tiranias sobre os corpos são a base para a consolidação de todas as outras tiranias. Que a separação mente/corpo, que é a própria base do pensamento patriarcal, é a submissão do corpo.

Você tem que ouvir o corpo, tem que saber como entrar no corpo, tem que conseguir ser consciente de seu próprio corpo. O corpo para mim é o centro da política feminista.



# !A despatriarcalizar!

Agosto de 2019

Página 12<sup>18</sup>

Por Paula Jiménez España

*“Mulher que se organiza não passa mais camisas”, “Você me quer virgem, você me quer branca, estou farta de você”... Segurando um pincel ou um aerossol, María Galindo, uma referência imprescindível dos feminismos latino-americanos, não parou de escrever sobre os muros, ruas e calçadas bolivianas. Grafites que têm muito de exigência e nada de lamento. Co-fundadora da organização lésbica “Mujeres Creando”, ela transformou a engenhosidade artística em uma arma carregada de luta atual e não parou até danificar seus ligamentos. Em visita à Argentina, ela ministrará o curso intensivo e feminista “Toma de espacio público” [Tomada do espaço público] com o verbo “despatriarcalizar” como bandeira.*

*María Galindo é altamente panki, pode usar uma imensa aranha de pernas longas como prendedor, ou exibir um piloto azul sob o qual uma camiseta de tule preto transparente esboça o gótico inquietante; metade de seu cabelo estava raspado, mas não desde agora, e sim desde a época do brushing<sup>19</sup>. Os olhos celestes descem até o fundo de um poço delineado com uma sombra negra como os lábios e um punhado de anéis muito grandes gesticula em seus dedos. “A verdade é que não é uma estratégia nem nada parecido”, diz. “É uma diversão, uma forma de soberania. Desempenhe exatamente o mesmo papel que sua imagem para sua vida. Suponho que seja dona de sua imagem. Suponho que você decide como se vestir ou se pentear. O que acontece é que sou uma figura pública, ou seja, enfrento espaços midiáticos, que são muito exaustivos. Troquei meu rosto pelas minhas mãos, que também quero dar a elas esse lugar porque trabalho a partir do conceito de arte manual. Você não faz com a mente, mas com as mãos”.*

## RESISTINDO AO PATRIARCADO JUDICIAL

*Em 17 de dezembro de 2015, esta ativista, artista e performer, psicóloga e radialista boliviana foi chamada a testemunhar em La Paz, acusada de “destruição ou deterioração de bens do Estado e da riqueza nacional”. O delito: uma intervenção de rua assinada por “Mujeres Creando”, organização lésbica que fundou com Julieta Paredes. O grafite denunciado dizia “O feminicídio é um crime do Estado patriarcal” e aludia ao assassinato de Andrea Aramayo Álvarez ocorrido em agosto do mesmo ano. No dia da nomeação, María se apresentou à promotoria com uma balança desnivelada que pendia de sua mão esquerda e sobre o peito um colar de bonecas destroçadas, símbolo dos ultrajes sobre os quais a justiça não tem, nem na Bolívia nem em lugar nenhum, interferência substancial. Vestida inteiramente de vermelho e preto, com um enorme frígio no qual se apoiava um cartaz aberto como um leque que dizia*

---

<sup>18</sup> <https://www.pagina12.com.ar/209196-a-despatriarcalizar>

<sup>19</sup> Técnica de secagem e modelagem do cabelo realizada com secador de mão e uma escova. [N.T.]

*“Fiscalía rima con porquería” [Promotoria rima com porcaria], María subiu os três andares pelas escadas aos gritos até chegar à sala para prestar o depoimento. Embora quem a tenha visto uma vez sempre se lembre dela, quando Galindo é questionada sobre sua performatividade cotidiana e sobre o uso da própria imagem como ferramenta de luta, ela responde que a construiu como qualquer um faria com a sua, como se simplesmente se tratasse de uma senhora com o cabelo amarrado e um terno feito sob medida. Não. Por mais que afirme que não há nenhum mistério, é óbvia a vontade de dizer colocada neste corpo. “Acabei de mandar um autorretrato meu com uma vulva na testa - diz ela em um whatsapp. Acontece que eu estava passando por uma oficina de efeitos para filmes de terror, não gosto nem um pouco de terror, mas estava sendo dada por um grande professor brasileiro que nos ensinava a fazer protuberâncias de silicone, que me servirá muito para uma próxima produção audiovisual. Estava experimentando comigo mesma, nada mais”.*

## LESBIANA RIMA COM SOBERANA

*No centro de La Paz, a marca despatriarcalizadora das Mujeres Creando está escrita em uma letra cursiva escolar que é uma patada na cara do patriarca. Desta vez, a forma que o ativismo vai assumir em sua visita iminente à Argentina é a de um curso intensivo de feminismo que escolhe o verbo “despatriarcalizar” como diretriz para a seleção de conteúdos. A teoria será acompanhada, justamente, por um módulo prático sobre as intervenções nas ruas como estratégia política. Da bateria de textos que vai compartilhar, se encarrega de esclarecer para mim que não há nada de acadêmico nisso.*

**Do seu livro disse que é antiacadêmico, no sentido de que “não recorre a essa lenta e pesada discussão, que pouco ou nada está oferecendo como resposta à realidade política do continente”. Querida te pedir que desenvolva um pouco isso, porque a partir da teoria também há contribuições valiosas neste momento...**

Não se deve confundir teoria com academia. Meu livro *No se puede descolonizar sin despatriarcalizar*, é uma contribuição teórica, mas não a partir da academia. Em nenhum caso eu faço um repúdio à teoria, nem coisas do tipo. Justamente o que reivindico é que



o movimento social, sua prática política, pode ser um lugar de construção de teoria. A construção de teoria não é monopólio da academia. Para que um movimento possa ser um lugar de construção de teoria, de construção de utopias e categorias de análise, necessitamos espaços horizontais de discussão sem a intermediação hierárquica que sempre propõe a academia.

### ***E que relação manteve e mantém a academia com os movimentos sociais?***

Teve uma relação de extrativismo político. Nos converteram em objetos de estudo, vivemos isso muitíssimas vezes. Este é um ponto que deve ser questionado. Existem inúmeras categorias, formas, propostas que nascem a partir do movimento.



Além disso, posso dizer que a academia entendida como universidade, como universalidade do pensamento, está em uma profunda crise porque tem uma estrutura profundamente patriarcal, uma estrutura de pensamento epistemologicamente construída a partir de parâmetros androcêntricos, eurocêntricos e patriarcais. Com a entrada dos famosos estudos de gênero, a academia não entrou em crise, não se discutiu o que supõe o androcentrismo, o positivismo do pensamento patriarcal. Mas o que mais me interessa é a capacidade dos movimentos a partir de sua prática de gerar pensamentos, de gerar imaginários de discussão política. Que existem algumas acadêmicas desajustadas para melhor, que podem transitar espaços de discussão horizontal, é possível. Mas uma coisa mais te digo, você diz que pensamentos interessantes estão saindo da academia

e eu me reservo o direito de duvidar de que seja assim.

### ***Lendo uma entrevista sua me encontro com essa afirmação: vêm nos roubando o feminismo, podem nos roubar os termos, mas não as práticas políticas...***

Posso te dar um exemplo que sofri na minha própria carne: sou a autora na Bolívia da tese da despatriarcalização. Nós, a partir das Mujeres Creando, lançamos a proposta de que não se pode despatriarcalizar sem descolonizar e rapidamente o governo capturou o termo despatriarcalizar, distorcendo-o. Lhe deu um conteúdo realmente liberal, de direitos das mulheres, quando não tem nada a ver com isso, e jamais

reconheceram minha autoria. Há milhares de exemplos que temos de lutas sociais, não só as feministas, onde se capturam termos que serviram para nos organizar, para serem usados como exercícios de dominação. Hoje que o feminismo está na moda, você pode encontrar empresas exploradoras e predatórias, inclusive que fizeram culto da tirania específica que hoje optam por corpos reais e pela ideia de uma mulher emancipada. Grandes indústrias como Hollywood, indústrias da coisificação e da beleza, foram capturando os ideais do feminismo, não por uma mudança de paradigma, mas por um processo de cooptação. Hoje em dia, quando se diz feminismo, provavelmente não se quer dizer nada, ou coisas muito diferentes que o termo não necessariamente nos serve para entender de que tipo de luta estamos falando.

***Mas então qual é sua visão sobre a potente onda verde<sup>20</sup> que sobretudo parecem levar adiante as novas gerações?***

Devo dizer-lhe que me gera muito respeito e alegria de antemão. E não creio que seja um fenômeno, mas um fenômeno dentro do qual habitam múltiplas, muito diversas e muito complexas formas de mobilização e organização. Eu conheço os feminismos argentinos há muitas décadas, a filigrana que está por baixo, então creio que há muitas coisas para discutir a respeito. Uma coisa é a imagem montada a partir do ponto de vista midiático e outra muito diferente o tecido interno que está possibilitando esse movimento.

***E a respeito das gerações mais jovens?***

Eu não estaria tão completa e enfaticamente de acordo com o que levam adiante as gerações mais jovens. Creio que esse movimento teve a capacidade de irradiar e recolher de outros pontos geracionais também. E outro ponto importante é o que chamo de fenômeno de baixo para cima, porque não é necessariamente um fenômeno que sai do feminismo acadêmico, das intelectuais, que podem ser muito válidas ou menos, seja Rita Segato ou qualquer outra, mas é um fenômeno basicamente popular. Na Bolívia há outro processo de características muito distintas, mas muito importante, ao que chamo de feminismo intuitivo, que é uma atribuição de uma visão feminista a partir de uma leitura da realidade, de uma política do corpo, do contexto, não necessariamente de um processo de discussão acadêmica ou ideológica.

**Na Bolívia há um processo que chamo de feminismo intuitivo, que é uma atribuição de uma visão feminista a partir de uma leitura da realidade, de uma política do corpo, do contexto**

---

<sup>20</sup> Referência à Campanha pelo Aborto Legal e Seguro iniciada na Argentina em 2018 que levou milhares de mulheres às ruas e tem como símbolo o lenço verde. [N.T.]

## ***E que lugar tem a luta das lésbicas dentro desse feminismo que chama de intuitivo?***

Poderíamos nos fazer essa pergunta sobre as lésbicas, também para as mulheres chamadas, entre aspas, de indígenas (muitas não se autodenominam indígenas), poderíamos nos fazer essa pergunta para as donas de casa ou para as mulheres trans. Não trabalho a partir de identidades, questiono muito a ideia do grupo identitário. Acredito que o grupo identitário pode se converter em um lugar politicamente repetitivo que responda a um mero discurso de direitos. O que posso te dizer é que o feminismo intuitivo está despertando soberanias muito importantes em todas as direções.

### ***Como quais?***

Desde soberanias básicas como é: me visto como eu quiser, ou tão importantes como: vou estudar mesmo que você não queira. Soberanias que têm a ver com formas de desobediência que as mulheres instalam em suas vidas cotidianas atravessadas por outras soberanias que têm a ver com a sexualidade e o prazer e o desejo erótico. Quando você descobre soberanias nesses campos, encontra formas de desobediências muito importantes que atravessam o lesbianismo, a experimentação sexual, a mudança de parceira, etc. Então não é tanto a pergunta sobre qual é o lugar das lésbicas, porque também se estamos falando de um feminismo intuitivo estamos falando de um despertar de rebeldias caóticas em desordem, que é belo porque é assim.

## **OS ANOS DO FRANGO**

Mujeres Creando funciona no espaço bilocado “La Virgen de los Deseos”, com sede dupla em La Paz e em Santa Cruz de la Sierra. Temidos centros de operações para o *machirulismo*<sup>21</sup> boliviano, essas trincheiras de grande influência na vida da *mariconada* desejante, graças ao seu constante impulso pela descolonização, têm servido, segundo Galindo, como expressão concreta do movimento. “É um espaço de política que concretizamos no cotidiano apesar dos patriarcados e apesar do Estado; é um laboratório de experimentação educativa e também é simplesmente uma bela casa reformada por nós. Quando convidamos Silvia Federici para a Bolívia, ela entrou e me disse: María, o que é isso? E eu respondi: isso é uma fábrica de justiça. ‘La Virgen de los Deseos’ é um espaço autogestionário, uma disputa do imaginário de justiça que fazemos ao estado boliviano, dia a dia e mulher a mulher”.

**Se estamos falando de  
um feminismo  
intuitivo estamos  
falando de um  
despertar de  
rebeldias caóticas em  
desordem, que é belo  
porque é assim**

---

<sup>21</sup> A palavra *machirulo* é usada na linguagem coloquial para se referir ao homem que afirma ser machista sem dissimulação. [N.T.]

***E também é, entre outras coisas, um meio de comunicação de grande alcance...***

Sim, companheira, se chama Radio Deseo. Estou com um programa agora dedicado às eleições que se chama “Votar rima com vomitar”. Há mais de vinte produtores e produtoras de programas independentes que saem em nossa rádio, um deles muito lindo, tem um título belo, se chama “As intransigentes” e é produzido por três mulheres trans. Estamos a ponto de inaugurar uma agência de empregos também em La Virgen de los Deseos, porque o desemprego é um dos principais problemas das mulheres. Queremos vender serviços que têm a ver com os cuidados, mas a preços justos para as mulheres, negociando contratos. Esta agência se chama Sem patrão nem patroa.

***Te entrevistei pela primeira vez em La Paz, faz 10 anos, na época em que Evo disse que não era bom comer frango porque os hormônios produziam homossexualidade. Recordo as críticas que lhe faziam por sua homofobia e também que, por outro lado, o projeto de “La Virgen...” estava em seu esplendor. O que mudou em todo esse tempo para Mujeres Creando?***

Nesses últimos anos, nós temos estabelecido sempre alianças múltiplas com diferentes setores. Com as trabalhadoras domésticas, com as próprias Bartolina Sisa, alianças que tem nos moldado, entretanto há muitas que não são mais possíveis. E muitos movimentos sociais têm sido destruídos por dentro, suas estruturas democráticas, movimentos cooptados pelo governo de forma abusiva, então eu sinto mais solidão. Mujeres Creando para o governo de Evo Morales é um palavrão.

***Como resultado de que você prontamente pediu publicamente a Evo que fizesse uma vasectomia?***

Evo lançou faz alguns dias uma espécie de decálogo de luta contra os feminicídios e a violência contra as mulheres, e o tem feito de costas para as mulheres. Então pedi para ele fazer uma vasectomia, também porque ele é conhecido por ser um pai irresponsável, por ter um número indeterminado de filhos e filhas. Fiz isso em uma de minhas colunas que saem em um periódico boliviano uma vez por semana. Aquele era um decálogo retórico e lírico, totalmente onzeiro.

***E que políticas se instalam na Bolívia junto com a intervenção das ONGs?***

O que se enraizou nas ONGs, fundamentalmente desde os anos 80, foi o que chamamos de tecnocracia de gênero: um conjunto de funcionários que gerenciam a categoria de gênero para adequá-la e funcionalizá-la ao modelo neoliberal e ao papel que têm que cumprir as mulheres dentro desse modelo, que basicamente é o de amortecedoras da crise econômica. As ONGs criam mecanismos fictícios de resolução do conflito estrutural em que as mulheres estão perante o patriarcado. Nesse sentido, respondem às lógicas coloniais.

## ***Por que você milita pela abolição do casamento igualitário?***

Claro que sim, companheira. O direito ao casamento igualitário foi vendido como conquista e como demanda incontornável dos movimentos LGBTI do continente e praticamente do mundo, o vendem como um processo emancipatório, e me parece um grande erro histórico. Claro que respeito a qualquer pessoa que queira se casar, descasar, anticasar, que queira o que queira, mas acho que é importante que entendamos que o casamento é um contrato de submissão, surgido no processo de construção das hierarquias patriarcais da sociedade. Se querem conquistar o casamento igualitário, conquistem também o divórcio igualitário. Mas além do casamento, sim ou não, acho que é pouco criativo repetir as mesmas demandas de sociedade em sociedade, demandas que nascem de norte a sul e ao mesmo tempo sem nenhum tipo de análise histórica, reduzindo a capacidade dos movimentos à demanda de algum direito. Perdemos energia valiosa em demandar um direito e supostamente celebrar sua conquista, se investíssemos essa energia em processos políticos mais profundos estaríamos próximos de processos de transformação da sociedade que são fundamentais.

### **BOLÍVIA: O CU DO CU**

***Você fala de processos importantes que podem ser feitos, penso, por leis importantes como a que acaba de ser aprovada em La Paz, para a regularização dos locais de prostituição...***

Quero deixar claro que essa lei foi redigida em “La Virgen de los Deseos” por uma organização que se chama Organización de Mujeres En Situación de Prostitución (OMESPRO) e Mujeres Creando, tomando sopa e nos matando de rir. Quando a levamos ao governo municipal para que a aprovassem, primeiro quiseram nos mesquinhar, nos envolver em uma discussão, mas ainda assim conseguimos sua aprovação porque aproveitamos a perplexidade e a idiotice do Estado diante da nossa proposta, discutimos centímetro por centímetro até alcançar uma lei escrita. Quase quase inteiramente em nossos termos.

***Você disse que essa lei é uma novidade que se tivesse acontecido em Buenos Aires, Santiago do Chile ou Amsterdã teria ocupado os jornais de todo o mundo...***

Digo que teria sido uma notícia de primeira página se tivesse ocorrido em qualquer uma dessas sociedades primeiro pelo que a Bolívia representa: é o cu, não do mundo, mas da América do Sul, ou seja, o cu do cu. Uma espécie de não-lugar do mapa, por isso muitas das coisas que fazemos que são realmente de uma originalidade importante, permanecem como sombras, no espaço local que nós, como feministas, nos referimos, por sua vez, aos cenários de debate. Não só essa lei, mas o conjunto de práticas que nós desenvolvemos ao redor do universo da prostituição, não respondem a uma posição neutra e acabam por ser uma proposta absolutamente diferente. Nesse sentido, acredito

que se poderia também implementar a qualquer escala, em qualquer outra cidade do mundo.

***Receberam ameaças das máfias da zona de El Alto em La Paz quando quiseram levar ali, é verdade?***

Quando conseguimos a aprovação dessa lei no final do ano passado, saltamos de alegria e pensamos com otimismo que poderia chegar a todos os governos municipais do país porque é uma lei que tem jurisdição no território e hoje a prostituição é uma questão urbana, ou peri-urbana em outros casos. Então, o primeiro município onde queríamos lançá-la foi em El Alto, onde as máfias cafetinas são muito fortes. Queríamos lançá-la a partir de nossa campanha de denúncia dessas máfias que conhecemos muito. Quando fui com outras companheiras fazer a denúncia, fomos à polícia e não queriam tomá-la. Nos ameaçaram de morte pelos telefones e tivemos que exigir que a polícia nos retirasse da delegacia que estava rodeada de gente que queria nos atacar. Saímos com escoltas e nunca pudemos concretizar nossas denúncias. As máfias cafetinas se associavam com a polícia, nos impedindo de estender essa lei para locais autogestionários, cooperativas de prostituição entre iguais, sem donos, sem patrões, sem cafetões.



# María Galindo em São Paulo

Setembro de 2016

Revista DR, edição 3<sup>22</sup>

Por Alana Moraes, Mariana Patrício e Tatiana Roque

**María Galindo** é uma militante anarcofeminista, psicóloga, locutora de rádio e já foi apresentadora de TV. Fundou o movimento feminista *Mujeres Creando* na Bolívia, uma associação de mulheres de diferentes identidades sexuais, classes e condições para enfrentar o machismo e a homofobia. Suas ações performáticas chegaram a levá-la diversas vezes à prisão. Autora dos livros: *No se puede Descolonizar sin Despatriarcalizar*, 2013 e (com Sonia Sánchez); *Ninguna mujer nace para puta*, Edición ilustrada de Lavaca Editora, 2007.

**Mujeres Creando** é um movimento feminista anarquista que já existe há mais de 20 anos. Reúne mulheres de diferentes setores sociais, diferentes idades, diferentes culturas, diferentes opções sexuais e que se encontram em diferentes momentos existenciais.

Entrevista realizada na Casa do Povo, na cidade de São Paulo. Com apoio do PACA (Programa de Ações Culturais Autônomas), que organizou a visita de Maria Galindo a São Paulo.

\*\*\*\*

**Conta um pouquinho sobre o Mujeres Creando, a ação do movimento, como começou... A atuação política de vocês...**

Claro! Mujeres Creando é um movimento de mulheres feministas. Nós temos uma visão anarquista do poder e somos autônomas com relação aos partidos políticos, às igrejas, às ONGs e a qualquer governo, de esquerda ou de direita. Não é que somos autônomas em relação a um governo de direita, mas não em relação a um governo de esquerda... Nós reivindicamos a necessidade histórica da autonomia política do feminismo em relação a qualquer governo. Lutamos muitos anos com diferentes instrumentos e de diferentes formas, pois o movimento passou por uma longa história, mas, basicamente, reivindicamos a necessidade de construir um movimento feminista heterogêneo. Essa homogeneidade dentro do feminismo latino-americano, em geral, de mulheres jovens brancas, profissionais, de classe média, é uma homogeneidade que nos entedia, que nos incomoda e que não nos interessa. Então nós construímos um movimento que cultiva as alianças insólitas, quer dizer, formas de aliança política entre mulheres com quem é proibido fazer aliança. Temos uma metáfora muito interessante:

---

<sup>22</sup> <http://www.revistadr.com.br/posts/maria-galindo>

somos índias, putas e lésbicas, juntas, revoltadas e *hermanadas*. Isso expressa o tipo de aliança que Mujeres Creando constrói no interior do movimento. E não é só uma metáfora, é uma realidade, as pessoas mais novas no movimento devem ter ao redor de 18, 19 anos e as pessoas mais velhas devem ter ao redor dos 70, temos companheiras lésbicas, não lésbicas, um pouco de tudo, e também diferentes mundos sociais: há mulheres intelectuais, profissionais, como também há mulheres desempregadas, autodidatas. Defendemos que o cenário político mais importante para o feminismo é a rua e trabalhamos partindo da rua. Nós convertemos a rua, fizemos da rua nosso fórum político principal, e por isso nossa ressonância é muito forte na Bolívia. Porque não é uma voz emprestada que temos, não é um espaço emprestado, não é através do parlamento ou através das leis ou através dos meios de comunicação. Não, é através da rua. Há um conceito interessante que criamos que é o da “política concreta”. Várias de nós vínhamos da esquerda e questionávamos muito o fato de que os diferentes movimentos, seja ecologista, seja feminista, sejam outros movimentos de esquerda, são movimentos muito discursivos, poucos movimentos souberam traduzir o discurso em forma de prática concreta, então nós trabalhamos com o conceito de “política concreta”: oferecer serviços às mulheres sem despolitizar esses serviços. Oferecemos serviços a partir de uma visão feminista, mas sem a gente se institucionalizar, essa é a política concreta.

### **Por exemplo?**

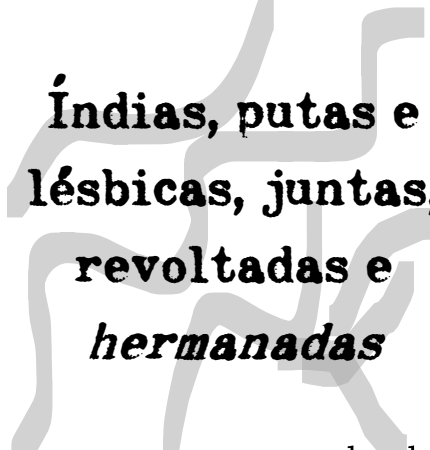


Por exemplo, lutamos contra a usura bancária. Na Bolívia, não sei como acontece aqui, mas lá o desemprego atinge as mulheres de forma massiva. Então, cada mulher desempregada, no lugar de buscar um trabalho que nunca vai encontrar, o que ela faz é pegar um empréstimo. E quando não podem pagar esse empréstimo, fazem outro empréstimo para pagar. E isso vira um processo de sobre-endividamento aterrorizante, uma forma de usura bancária muito forte porque as instituições bancárias sabem, conhecem a situação dessas mulheres e as pressionam muito. Nós temos gerado, então, outras formas de negociação com o banco, nas quais nos colocamos do lado dessas mulheres. É um serviço concreto, de política concreta anti-neoliberal. Tem ainda a questão da violência machista. Trabalhamos muito com ação direta, no caso da violência machista. Tudo isso se aglutina dentro do conceito de política concreta, que é uma forma de aliança, podemos chamar assim, ou de vínculos, estabelecer relação com amplos

setores, setores massivos da população, mas não através da ideologia, e sim por meio de serviços.

***Assim vocês conseguem quebrar essas barreiras entre diferentes tipos de mulheres, de classes sociais diferentes? Porque essas barreiras são reais... Como quebrá-las?***

São reais! Quebramos pela luta, pela luta concreta. Por exemplo, vou te contar. Nós somos totalmente anti-institucionais, mas formamos uma associação muito grande de mulheres em situação de prostituição que estão definindo o prostíbulo como cooperativa. Nesse caso, já não é o proxeneta que é dono do prostíbulo, mas elas mesmas. Essas mulheres aliadas, às vezes três ou quatro, são pequenos grupos, mas aliadas montam pequenos prostíbulos. Fizemos, então, uma associação de prostíbulos e, como elas querem ser clandestinas, nós emprestamos nosso nome legal. Essas são coisas concretas, há também a questão do feminicídio, que na Bolívia é muito forte, e nós vamos através dessas lutas construindo alianças.



***Índias, putas e  
lésbicas, juntas,  
revoltadas e  
hermanadas***

***No Brasil há instituições pelos direitos das mulheres, mas a luta feminista propriamente dita, os grupos feministas, aumentaram bem recentemente...***

Sabe o que aconteceu? E eu acho que em toda América Latina, o feminismo sofreu, nos anos 80 ou 90, um forte processo de “ONGuização”. As ONGs substituíram o movimento, suplantaram o movimento e terminaram estrangulando e fazendo desaparecer o movimento feminista. Essas ONGs se transformaram em instituições que ofereciam serviços, mas com relações hierárquicas verticais, clientelistas, colocada a serviço de uma agenda política internacional que era totalmente neoliberal. Então as feministas deixaram de ser feministas e se transformaram em funcionárias das instituições, com um trabalho de oito horas, com um escritório: você está daquele lado e eu estou deste lado. Foi aí que a agenda política feminista desapareceu e apareceu, no lugar, uma agenda de gênero neoliberal. Isso aconteceu em toda a América Latina. Desde o princípio, Mujeres Creando foi muito clara ao questionar tudo isso. Questionamos a forma como, a partir da categoria de gênero, se fez uso do potencial e das necessidades das mulheres para salvar, ou melhor, para gerar um colchão social para o neoliberalismo. Porque claro, com o neoliberalismo há níveis de desemprego muito grandes, aí que se dá todo o ajuste estrutural, então era preciso um grupo humano capaz de se sacrificar mais do que o conjunto dos trabalhadores, a fim de amortecer a crise, e esse grupo humano fomos nós, as mulheres! Nós questionamos tudo isso. Neste momento estou apresentando uma tese nova, que é a tese da despatriarcalização, está no meu livro *A Despatriarcar*. É uma teoria que defende, de maneira muito crítica, que essa agenda de inclusão não roube o conteúdo subversivo do discurso feminista, que nosso horizonte

de luta não seja roubado, senão para que nos organizamos? Para nos convertermos em clientes do Estado? Lei para cá, lei para lá, funcionárias públicas... Tanto que na América Latina chegamos a ter três presidentas, não é? Cristina Kirchner, Dilma Rousseff e Michelle Bachelet. E atrás delas uma grande massa de mulheres que entraram na gestão estatal e que foram totalmente absorvidas pelo caráter patriarcal do Estado.

***Mas essa crítica valeria para todas as lutas das ditas “minorias”... Não poderíamos dizer o mesmo para o caso do movimento negro? Aliás, essa é uma crítica que se faz contra as cotas, que seria só para inserir no sistema neoliberal.***

**Há um elemento comum que é o da inclusão. Você pode fazer parte do sistema, o sistema quer que você faça parte, porque quando você faz parte do sistema, se você é gay, se você é negro ou se é mulher, você fortalece o sistema, você não o debilita**

Olha, eu te diria que não. Não estou completamente certa porque, primeiro, nós mulheres não somos uma minoria, mesmo sendo catalogadas como uma suposta minoria, nós somos a metade da população humana, somos a outra versão do humano, não é? Então, primeiro, não somos uma minoria e nas cotas estamos reduzidas a uma condição biológica, porque a cota não permite um imaginário político por fora do existente, senão um pertencimento ao existente, pela condição biológica de mulher. É a negação do sujeito político, das mulheres enquanto sujeito político,

e eu acho que isso é grave. Eu não diria que há uma forma de crítica exata para os indígenas, para os negros, para os gays. Há um elemento comum que é o da inclusão. Você pode fazer parte do sistema, o sistema quer que você faça parte, porque quando você faz parte do sistema, se você é gay, se você é negro ou se é mulher, você fortalece o sistema, você não o debilita, pois faz parte dele, e vai ter um pensamento próprio. Essa é a crítica, denominador comum de todas essas coisas. No entanto, acho que há diferenças importantes no caso das mulheres. Primeiro, a diferença quantitativa, somos a metade da humanidade, não somos uma minoria. Segundo, acredito no feminismo como teoria política. Dentro da pluralidade dos feminismos, gerou-se uma teoria política muito importante, que não necessariamente outros sujeitos políticos desenvolveram. Uma teoria política com um potencial muito grande, então foi muito útil desvanecer, neutralizar, aniquilar, minimizar essa teoria identificando-a à mera condição biológica. Por que? Porque o feminismo é um imaginário político que trabalha o público, mas também o privado. Nem os negros, nem os indígenas, nem o mundo gay colocavam a questão do cotidiano como político, do privado como político. Esse é o potencial mais subversivo, mais importante do feminismo, isso sempre ficou de fora do imaginário patriarcal. Então neutralizar o feminismo foi uma arma importante para neutralizar todos esses outros discursos, o do negro, o do índio, o ecológico...

***Aqui no Brasil, nos movimentos feministas mais recentes há uma disputa muito grande entre correntes distintas. Esse feminismo de ONGs já vemos pouco, agora existem muitos feminismos que disputam discursos. Também fazem muita coisa na rua, mas em atos, não ações contínuas. Há grande fragmentação das correntes, quem segue o feminismo radical, as teorias queer, bem fortes por aqui... De nosso ponto de vista, isso enfraquece um pouco a luta porque produz muita divisão.***

Interessante o que você está dizendo. É verdade que a onda das ONGs é dos 80 e dos 90, que a essa altura está muito enfraquecida. No entanto, a agenda neoliberal de equidade de gênero segue absolutamente vigente. Nesse sentido, acho que é muito necessário continuar lembrando de onde vêm todas essas políticas de endividamento das mulheres, das mulheres como cota política, do “empoderamento” das mulheres. Tudo isso é parte das políticas neoliberais, porque o neoliberalismo na América Latina não está em crise, o neoliberalismo está absolutamente vigente. Acho que é muito necessário, portanto, continuar falando disso, pois o colchão humano do neoliberalismo é formado por nós, mulheres, nas nossas sociedades, através do trabalho precário, através das formas de busca de subsistência, etc, etc, etc...

### ***O trabalho reprodutivo, os cuidados também...***

E através da migração, que é um exílio econômico. A migração é uma expulsão. Falo sempre das exiladas do neoliberalismo. O Brasil absorve muitas exiladas bolivianas para o trabalho precário em oficinas têxteis. Esse exílio econômico das mulheres é também parte desse colchão do neoliberalismo. O neoliberalismo sempre pode baixar os custos baixando o custo da mão-de-obra e essa diminuição de custos é feita com o exílio econômico das mulheres, que estão dispostas a fazê-lo porque são as que menos têm oportunidades de trabalho em suas sociedades de origem. Tem também a questão dos cuidados que você dizia. A precarização do trabalho de cuidados, baseado na exilada do neoliberalismo, é o que permite à mulher de classe média, branca e profissional se achar emancipada, mas porque está deixando parte do trabalho dos cuidados nas mãos de uma mão-de-obra barata e sobre-explorada, que é uma mulher pertencente a outra sociedade. Uma boliviana, uma equatoriana, uma paraguaia... Então, tudo isso é muito importante porque isso vem da agenda de equidade de gêneros das organizações internacionais assumida pelas ONGs.

Agora a respeito da movimentação queer, eu, pessoalmente, respeito muito intelectuais como Beatriz Preciado ou Judith Butler. As respeito muito como intelectuais, trazem um aporte interessante. Mas, muitas vezes, nós fomos batizadas como queer e nós não somos queer, nós somos feministas, com pensamento próprio. Muito da onda queer chega na América Latina completamente distorcida, e por quê? Primeiro porque é uma teoria política sumamente complexa, que só pode ser traduzida,

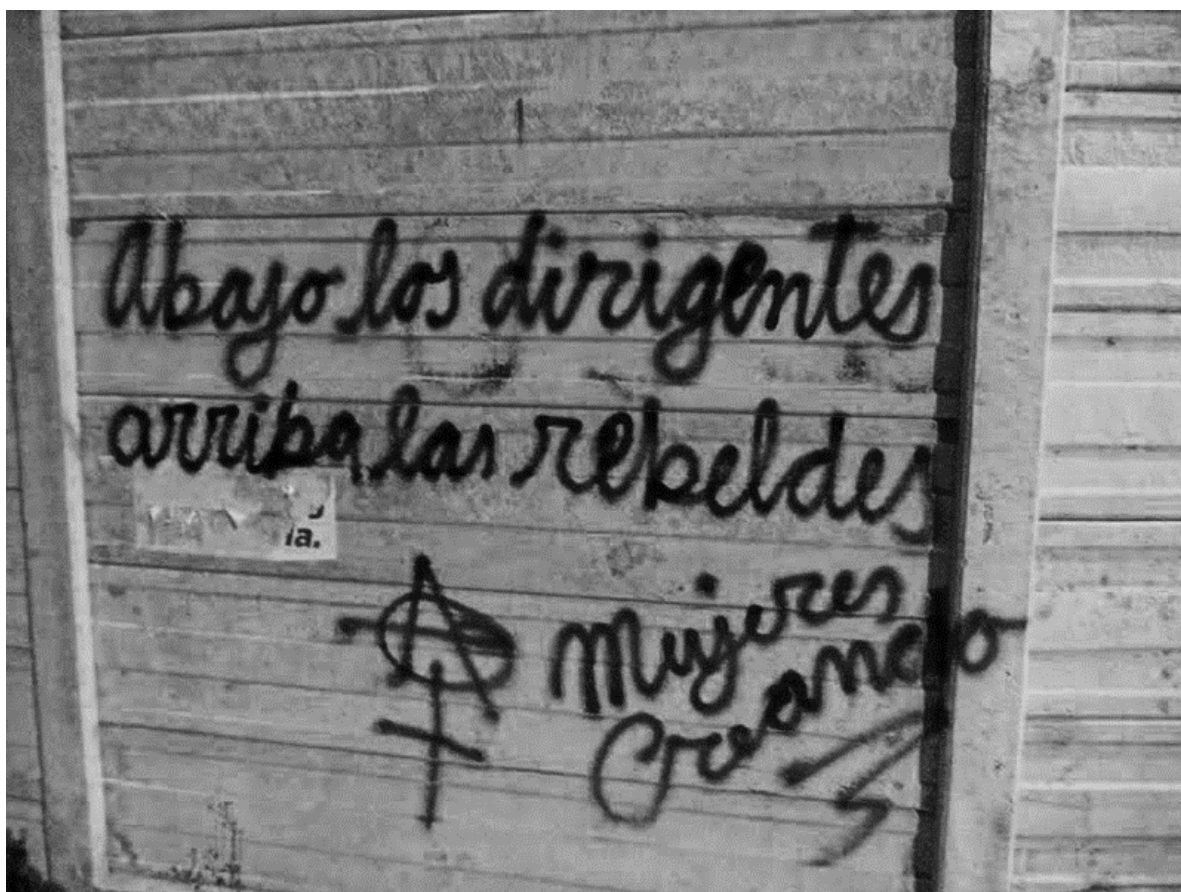
interpretada ou absorvida em espaços acadêmicos, os espaços acadêmicos que traduzem, leem essa teoria são espaços de classe média e de classe média alta, não são os espaços que partem da rua, que partem da prostituição na rua, que partem do travestismo da rua de prostituição, são espaços de elite, é uma teoria política sumamente complexa, desde seu manejo de categorias. Então eu acredito que na América Latina a teoria queer em geral, na minha percepção, é uma teoria para elite a partir das elites que termina perdendo seu conteúdo subversivo e conseqüentemente com uma série de práticas que eu não as vejo como interessantes, eu, pode ser que eu me engane, eu não as percebo interessantes. A movimentação transexual na América Latina, como eu a vejo, a partir dessa movimentação que poderíamos chamar, entre aspas, “proletária”, não é uma movimentação que parte do queer, é uma movimentação a partir da discussão sobre a prostituição e sobre o corpo, que é outra coisa. Então, sobre o fenômeno queer em geral, eu acho que é preciso discuti-lo, e sobre a fragmentação e a fragilidade dos pequenos grupos, não sei, eu tenho bastante esperança. Onde há um pequeno grupo de mulheres que se organiza, que faz algo concreto, me parece ser um fenômeno interessante, porque é uma espécie de segunda, terceira, não importa, quarta, décima onda. É um renascer, é um renascer de mulheres jovens que querem fazer algo a partir de si mesmas, que não querem ser chefas, que não querem ser líderes, que não querem carregar o peso do aburguesamento de muitos feminismos, muito pesados, muito imóveis, e que sem grande bagagem, saem para fazer algo. É um princípio, eu acho, fabuloso, positivo. Agora, também se corre o risco de que se está fragmentado, de que pode ser fraco e de que pode ser um entusiasmo que logo morre. Mas a princípio eu o vejo muito bem.

***Como podemos transitar entre uma possibilidade de feminismo mais crítico, com ações diretas partindo de fora das instituições, de fora do Estado, e um feminismo mais de dentro do cotidiano, dentro das relações cotidianas, das relações de poder cotidianas? Como podemos combinar as práticas muito radicais com práticas mais cotidianas, de mais baixa intensidade, a partir do subterrâneo? Esse conceito de subterrâneo que você cita. Não podemos pensar em algo partindo de dentro, através das brechas institucionais?***

Não gosto, em geral, de pretender que temos uma receita, mas nós fazemos exatamente isso. Então, eu pessoalmente acredito que é preciso construir tecidos sociais. O que quer dizer tecidos sociais? Muitas vezes quando dizemos “movimento” de que estamos falando? Estamos falando da soma de mulheres, muitas ou poucas, que se reúnem em seu tempo livre – conseguir tempo livre é muito difícil. Enquanto as mulheres que pertencem aos setores mais altos da sociedade têm algum tempo livre, as que pertencem aos setores mais

**Penso que é preciso  
construir tecidos  
sociais mais que  
movimento. O que  
quer dizer? Gerar  
espaços de  
construção coletiva  
da cotidianidade**

populares têm bem menos tempo livre. Então, como você constrói movimento? Penso que é preciso construir tecidos sociais mais que movimento. O que quer dizer? Gerar espaços de construção coletiva da cotidianidade. Nós, em princípio, gerimos nossa cotidianidade. Não é um feminismo de fim de semana, não é um feminismo de cada 15 dias, não é um feminismo de 8 de março, de 25 de setembro. Dia 8 de março, normalmente, bebemos e dançamos e não fazemos mais nada. Mas nós gerimos um refeitório popular, gerimos uma rádio, gerimos algumas cooperativas, gerimos nossa vida cotidiana. Se você é minha companheira e está doente, eu sei disso. Gerimos uma poupança coletiva, que é uma poupança onde nós mesmas podemos nos emprestar dinheiro para saúde ou para qualquer coisa. Então estamos gerenciando até o interior de nós mesmas, produzindo um tecido social. Agora, esse é um trabalho muito duro, muito longo, não é um trabalho fácil, simples. Supõe formas de solidariedade e de conexão muito demandantes. E supõe questionamentos, por exemplo, do individualismo de cada uma. Estamos absolutamente convencidas de que esse discurso de “eu vou resolver minha moradia, minha saúde, minha educação, meu trabalho sozinha” é um discurso falso que o neoliberalismo inseriu na gente. “Se você é boa, se você é inteligente, se você é bonita, você vai resolver e se você não resolve é porque você é feia, burra, incapaz”. Ou seja, temos que lutar também contra essa noção que está fortemente inserida nas mulheres, porque tudo nos custou muito. Terminar a escola nos custou muito, conseguir um trabalho nos custou muito. Então, uma vez que você consegue algo, você defende isso fortemente. Nós estamos construindo um movimento que constrói tecidos sociais, um movimento que diz: você não vai resolver nada sozinha, não vai resolver moradia, trabalho, educação, saúde, liberdade, dignidade, felicidade.



Não podem resolver sozinhas. Ou procuramos gerir esses temas coletivamente ou não vamos fazer nada que tenha alguma profundidade.

***Mas como vocês conseguem construir as condições para ter essa disponibilidade? Porque é algo muito demandante mesmo e o neoliberalismo faz com que tenhamos cada vez menos tempo, menos disponibilidade para algo que não tenha “retorno”, é só trabalho!***

Bom, nós fomos fazendo muito pouco a pouco, em muitos anos, buscando resquícios. Por exemplo, lembro quando começamos, eu havia voltado do exílio com um dinheiro que havia conseguido, então consegui comprar uma casa na periferia, que se tornou a casa do movimento. Com o tempo, fomos construindo pequenas cooperativas. Fazemos tudo em cooperativas, tudo o que fazemos é em cooperativas, desde o filme até os livros etc. Três companheiras se juntam em uma cooperativa e contribuem com algo para uma poupança comum. Tratamos de desburocratizar, não se institucionaliza nada e cada cooperativa vai comprando coisas que precisam. Por exemplo, temos uma cooperativa de comida muito boa que foi comprando cozinha por cozinha, ou seja, agora é uma grande cozinha, mas começou do zero, com um pequeno forno artesanal fazendo comida para as feiras e, pouco a pouco, fomos somando.

***E as mulheres que têm filhos?***

Há muitas mulheres que têm filhos! Questionamos a maternidade como um mandato, mas respeitamos totalmente a vida de cada uma. Então há muitas mulheres que tem filhos e também há muitas mulheres que trabalham fora, jornalistas ou advogadas etc. Em seu tempo livre, elas se somam ao movimento, mas o núcleo das mulheres do movimento é das mulheres que fazemos cooperativas. E fazemos sempre discussão política, discussão política permanente, você não pode pertencer a um movimento se não fizer discussão política! Esse é o mecanismo para pertencer: participar de discussões políticas concretas. São 25 anos de trabalho. Começou como vocês, que estão começando com essa revista, que já tem dois números. Da revista podem passar ao papel, mas sem institucionalizar, tratando de gerar formas de economia coletiva e de gestão coletiva.

***Não temos dinheiro, então às vezes temos esse problema de não ter dinheiro para fazer algo... Como é essa questão do financiamento pra vocês?***

Em alguns casos, aceitamos. Nas esferas que não são autogestionárias, como nossos serviços de proteção à violência (um de La Paz e outro de Santa Cruz), as companheiras recebem um salário, porque são muitas horas de trabalho. Além disso, elas têm que ser sempre as mesmas para um bom seguimento. Para esses trabalhos



optamos por usar fundos. O que é importante é que temos uma metodologia própria de trabalho.

***Você pode falar um pouquinho mais sobre a situação política da Bolívia atualmente? Você disse que há uma mistificação muito grande em torno do governo Evo Morales. Há conflitos entre o governo e vocês?***

O governo boliviano reivindica, faz um discurso de que gerou um modelo social que não é neoliberal, mas isso é simplesmente uma piada, uma mentira, porque na Bolívia o neoliberalismo está vigente e muito forte. Especialmente em torno do trabalho, mas também em muitas outras coisas. A educação é mercadoria, a saúde é mercadoria. Todo o discurso de direitos é absolutamente neoliberal. As formas de representação não mudaram nada. Na Bolívia o que está acontecendo é uma democracia liberal hipócrita. Hipócrita porque diz que é uma democracia participativa, plurinacional, e não é. É uma democracia liberal como sempre a conhecemos. De cara, tem a questão das mulheres. A coisa é muito complicada porque estamos diante de um governo com um perfil de muito controle sobre a sociedade. Esse é um governo que vem da esquerda, que vem dos movimentos sociais e que sabe que os movimentos sociais e o tecido social são uma força muito importante, muito poderosa. Então, um dos seus objetivos principais foi controlar, vigiar, dividir, debilitar, estar presente nos movimentos sociais, mas para cooptar todos os movimentos sociais por meio de políticas clientelistas. Nossa situação como feministas não é fácil. O governo tem um discurso extremamente machista, patriarcal. Há um movimento social muito grande que está com eles, o movimento de mulheres camponesas. Mas esse movimento, que se chama Bartolina Sisa, também está envolvido em relações muito clientelistas. Então essas companheiras são uma espécie de círculo do altar caudilhistas do presidente, mas são mulheres. Então representam o apoio das mulheres camponesas indígenas, o apoio de Evo Morales. Tudo isso foi muito duro para nós, porque também tínhamos alianças importantes com mulheres Bartolinas, no entanto, perdemos essas alianças. Muitas delas abandonaram seu próprio movimento e foram fortemente hostilizadas. O espaço para um discurso feminista autônomo na Bolívia é muito difícil. Agora nós temos muita força. Há três semanas, fui citada em um julgamento e quase fui presa. A acusação era de destruição da riqueza nacional por ter feito um grafite. Foi muito divertido porque eu fui disposta a ir para a prisão, mas não se atreveram, porque daria mais força pra gente. Então, estamos resistindo, temos uma rádio que nos dá muita força, é uma rádio legal, uma rádio que não é só online é em cadeia aberta. Precisamos vender publicidade para pagar a rádio e nenhuma empresa estatal contrata publicidade conosco. Nós temos um refeitório muito eficiente e com o refeitório temos que sustentar a casa e sustentar a rádio. A ideia é asfixiar toda dissidência. “Se você não está comigo, então é de direita”. Mas essa é uma

polarização absolutamente falsa! Nós questionamos as bases neoliberais do programa de governo de Evo Morales. Há um manuseio comunicacional para difamar, muito grande.

***Sim, aqui acontece o mesmo. Nos interessa o discurso que vocês fazem sobre o trabalho, a visão de que o trabalho das mulheres tem uma especificidade na sociedade contemporânea que interessa ao neoliberalismo. Essa é uma visão difícil para a esquerda compreender, não? Como é o diálogo que vocês têm com os movimentos mais tradicionais de esquerda que, pelo menos na experiência daqui, não compreendem muito essas questões como tendo relação com uma outra maneira de pensar o trabalho? Para eles o trabalho é o trabalho industrial, proletário, assalariado. Não compreendem essas outras categorias.***

Não, não as compreendem. Mas olha, eu vou ser bem sincera, tenho 52 anos, e acho que nós da minha geração não perdemos tempo dialogando com essa esquerda, porque é inútil (risos)! Não

compreendem porque não toleram o questionamento de seus privilégios de machos. Na Bolívia, a irresponsabilidade paterna e não assumir o trabalho doméstico são instituições masculinas sagradas. Para nós é muito cansativo, mas dialogamos com a sociedade, através dos grafites, através da rádio, através das ações de rua. Por exemplo, na rádio temos uma lista de pais irresponsáveis e lemos o nome, o sobrenome, o lugar onde trabalha, um por um.

***É um escracho! (risos)***

Sim, é um escracho! Mas não somente proletários, tem homens que têm muito dinheiro que estão nessa lista.

***Risos – Temos uns nomes pra colocar nessa lista...***



Coloquem, é uma lista gratuita, as mulheres veem e escrevem o nome. São duas listas, uma é a lista de machos violentos e a outra é a lista dos pais irresponsáveis. É muito divertido porque na programação a lista sai cinco vezes ao dia e dizemos “Atenção! Agora vem a lista de pais irresponsáveis!”. Então ficam assim: “E agora quem está aí?”. É muito efetiva. Tem homens, especialmente da classe média alta, banqueiros, que disseram “Por favor, estou pagando e não quero estar mais nessa lista”. Se a mulher disser “Apaguem, tirem ele”, no dia seguinte tiramos o nome. Renovamos essa lista uma vez por mês e fazemos o escracho. Causa sempre muito bom humor e, ao mesmo tempo, é efetiva.

***Os homens políticos não querem ter seus nomes aí, né? Devem ter até uns de esquerda...***

Então, nós com a esquerda... Olha, existem diálogos que te matam, existem diálogos que não te dizem nada, em que se perde muito tempo, existem diálogos que te cansam, existem diálogos, inclusive, que te fazem retroceder. Alguns propõem: “Não, o diálogo é importante e não sei o que”, mas nós mulheres não podemos ficar dizendo há cem anos a mesma coisa... Se vamos repetir todo o tempo a mesma coisa, vamos enlouquecer, podemos perder a vontade de pensar coisas novas, linguagens novas, frases novas e para mim isso parece muito desesperador. Por isso, há realmente alguns diálogos que exigem, de nós mulheres, repetir sempre o mesmo, e esses diálogos não valem a pena, esses diálogos não são frutíferos, são perda de energia e de tempo.

***De onde vem a força para tudo isso? Para contestar as instituições, as formas de subjetividade, o individualismo, os ideais de sucesso... É uma desconstrução muito forte, não? Estava lendo no site de vocês um artigo que dizia que é preciso transformar a dor do feminicídio em uma força revolucionária... E de onde vem a alegria para fazer isso? Porque é pesado lidar com a violência contra as mulheres, a solidão, a falta de emprego, de dinheiro...***

Transformar a dor do feminicídio em luta por justiça. De tudo, o mais duro é o feminicídio, pois é a morte. No ano passado mataram a filha de uma companheira nossa, e isso foi terrível. Nada foi tão doloroso quanto isso. Quero responder bem claramente ao que você disse. Não somos excepcionais. A força vem do fato de que é a nossa única possibilidade de pensar, de desfrutar, de criar e de construir algo. Quer dizer, nós mulheres não nos damos conta que solitariamente, individualmente, não temos

**Na América Latina nossa  
única possibilidade é  
tomar decisões radicais  
somando nossas forças,  
somando nossas  
inteligências, somando  
nossas energias,  
somando nossas  
histórias, somando  
nossos espaços**

absolutamente nenhuma possibilidade – temos a possibilidade somente de sobreviver – mas se nos unimos tudo muda. Podemos, além de sobreviver, desfrutar muito da vida, fazer coisas interessantes, pensar, isso somente construindo tecidos sociais. Então, não é um ato de renúncia, não é um ato de renúncia cristã, messiânica, missionária: “eu renuncio por ti”. Não, não é um ato de redenção de ninguém, é a única possibilidade em uma sociedade neoliberal latino-americana. Provavelmente as condições sejam igualmente duras na Europa ou outro lugar, mas não me interessa assinalar. Na América Latina nossa única possibilidade é tomar decisões radicais somando nossas forças, somando nossas inteligências, somando nossas energias, somando nossas histórias, somando

nossos espaços. Você tem uma cozinha, você tem um refrigerador, você tem um espaço, então já temos algo com que começar. Você pode ir procurar por sua conta e vai ter que se inserir em estruturas sexistas, classistas, racistas. Ainda que você não seja negra, você quer ser parte de uma estrutura racista e funcionar como a branca ali? Não! Se você não quer isso, não pode se somar a essa estrutura. Eu acredito que podemos construir micro espaços diferentes. São micro espaços, mas são tão significativos porque trazem um possível.

***No Rio de Janeiro tem um candidato com chances de ganhar a eleição para prefeito que é um cara que já espancou sua mulher, ex-mulher, mais de uma vez. É sabido, está nos registros policiais, todos sabem e o seu partido disse que isso é uma coisa assim: “Ah, foi uma briga normal de casais...”. Para nós é um golpe, nos sentimos justamente sem voz.***

De qual partido?

***Do PMDB, que é um partido horrível, reacionário fisiológico, mas é da base do governo nacional.***

Na Bolívia acontece muito isso institucionalmente. Evo, por exemplo, eu recentemente escrevi um artigo dizendo que ele tem uma atitude de humilhar as mulheres e isso não é casual, é um ato de poder que todos aplaudem. Então é como uma espécie de virilidade dentro do poder. Não é algo que querem ocultar, é algo que querem mostrar. Teve o caso do estupro de uma mulher por parte de um político do MAS e ela perdeu tudo. Acho que aí nós temos que denunciar fortemente.

***Há uma denúncia muito boa nesse último número da nossa revista, pois fizemos uma entrevista com Antonia Melo, que é uma das lideranças do movimento contra a Usina de Belo Monte, a usina hidrelétrica que está deslocando os indígenas no Norte. Antonia é de tradição dos movimentos camponeses de Chico Mendes, movimento que era a base do PT há tempos, quando o PT era um partido de movimentos de base. E agora, quando estava resistindo à construção de Belo Monte, ela foi falar com o Lula, e ele foi muito machista. Ela conta que o Lula a interrompeu quando começou a falar dos prejuízos que a usina de Belo Monte iria causar à população de onde ela vive, e Lula a interrompeu dizendo: “Não quero mais escutar discursos ideológicos. Isso é ideologia”. Assim! Muito forte.***

Por isso fomos um dos poucos movimentos na Bolívia que disse “É preciso manter a autonomia”. Quando Evo subiu ao poder, muitos disseram “Ah, subiu, é preciso somar” e nós dissemos “temos que manter a autonomia”. Tem que manter uma distância, tem que seguir cuidando do espaço da luta social, não podemos desmontar, desarmar a luta social e nos colocarmos no governo. E nesse momento, já passados muitos anos – Evo está há dez anos, Lula também esteve por muitos anos, Chaves, todo esse processo bolivariano – pois agora fica claro que essa autonomia é valiosa. Se agora nós tivéssemos que voltar a construir um espaço que havíamos abandonado, enfraquecido, não teríamos a credibilidade para fazê-lo. Em vez disso, nós temos essa credibilidade e essa voz. Eu acredito que a autonomia do feminismo é uma necessidade histórica.

***Você vê uma proximidade entre a maneira de pensar do seu movimento e a ideia de Buen Vivir?***

Não. Não, justamente, eu assisti a um encontro sobre Buen Vivir, há dois dias. Nunca utilizei a categoria do Buen Vivir, porque é uma categoria artificial, é uma categoria construída pela demagogia governamental, pelo fundamentalismo indigenista e pela academia que está morrendo de tédio (risos). “Ah, isso é uma crise civilizatória tem que se apostar no Buen Vivir...”. Estou de acordo com o diagnóstico, há uma crise civilizatória, mas o capitalismo não está em crise em si mesmo porque o capitalismo está alcançando sempre processos de reciclagem. Processos de recondução de suas formas através da precarização do trabalho das mulheres, através da precarização do trabalho em geral, mas especialmente das mulheres. Isso é uma espécie de gasolina, de energia,

de reserva que o neoliberalismo e o capitalismo têm de forma permanente. Os jovens, as mulheres, os exilados estrangeiros... Esses são os mecanismos para revitalizar este capitalismo, este neoliberalismo. Então até aí estou de acordo que existe a necessidade de redefinir as leituras e definir outros horizontes possíveis. E, conseqüentemente, considerar a crise da mudança climática, a crise ecológica que é muito grave e que é de escala mundial e planetária, até aí estou de acordo. O que não estou de acordo é que o Buen Vivir seja uma resposta possível a isso. Pois a resposta não tem que ser total, não sei se me entendem. Eu questionei muitíssimo o fato de que o marxismo se apresentou, e ainda se apresenta, como uma resposta totalizante a todos os problemas. Então há uma única resposta, que é “a resposta”, e essa resposta que é única vai conseguir definir tudo. Eu pessoalmente acredito que aí, epistemologicamente, estamos equivocados no enfoque. Não há uma resposta, há múltiplas respostas, o fundamental é que haja muitos sujeitos em luta e não um só, que pretenda instalar a norma sobre absolutamente tudo. Então, à crise civilizatória, eu acredito que a despatriarcalização é uma resposta, mas não é a única, é uma resposta que tem como ideia base a complementação com outras respostas. E no caso do Buen Vivir, acho que é um discurso bem abstrato também, que se presta a muitas formas de manipulação, de conteúdos, e é muito vago, em alguns casos até essencializado a partir do indígena, como se o indígena fosse algo que não foi colonizado, que não foi ocidentalizado, que não é também capitalista. É essencialismo e sou contra todo essencialismo, nem mulheres, nem gays, nem negros, nem indígenas... Não utilizo a categoria de Buen Vivir. Embora isso possa ser também porque eu sou boliviana e na Bolívia estamos cansados disso, ou seja, falam muito de Buen Vivir, mas como um discurso mais demagógico, muito intelectual e pouco prático.

***Você acredita que nós devemos mover o debate do feminismo para o centro da discussão sobre o poder? Como podemos fazer uma discussão sobre o poder a partir do feminismo, não mais como uma coisa isolada, separada, colocada nessa linguagem de gênero das organizações internacionais, mas trazer para o centro da política?***

Acho que é uma pergunta muito linda. Para responder em duas partes. Primeiro, eu diria que nós abandonamos a categoria de gênero, a categoria de gênero não nos serve mais porque há muita confusão ideológica, e não é uma confusão casual. Há uma confusão ideológica deliberada em torno da categoria de gênero. Então, primeiro nós abandonamos a categoria de gênero completamente no debate social, nós participamos do debate social a partir da condição de sujeito político, as mulheres como sujeito político. Nesse momento, as mulheres estão no centro do debate porque, como sujeito político, você discute o trabalho, como sujeito político você discute a relação entre público e privado, a divisão entre público e privado. Esse é um debate bem longo, de muitos anos no feminismo, é um debate de uma longa tradição, e é um debate ainda muito útil e fecundo, porque essa dicotomia patriarcal, essa esquizofrenia entre o público e o privado, continua sendo um dos eixos do poder patriarcal, continua sendo um dos eixos principais do próprio capitalismo. Quer dizer, o capitalismo está tão forte

porque está inserido da nossa vida privada, porque está inserido na nossa subjetividade, porque está inserido no desejo, por isso o capitalismo é tão forte e, evidentemente, o patriarcado também, pois o patriarcado e o capitalismo praticamente são um só. Então, esse me parece que continua sendo um debate central, a cotidianidade, a relação entre público e privado, a gestão do prazer, a gestão do tempo, a gestão do espaço, a gestão dos desejos, esse é um debate central. Não tem nada a ver com gênero. Nós estamos, podemos dizer, emancipadas de gênero há muito tempo (risos).

***Bom, muito bom, foi demais pra gente, muito obrigada!***

Fico muito feliz!

**PIRATEIA E DIFUNDE!  
TODA PROPRIEDADE  
EH UM ROUBO!**



# Oração à virgem dos desejos

María Galindo

Virgem dos Desejos,  
Virgem do proibido,  
Virgem da loucura,  
Virgem que cura toda amargura.

Estamos sob seu manto,  
*hermanadas* e revoltadas,  
índias, putas e lésbicas,  
brancas, negras e mulatas.  
Todas nós, qualquer uma de nós,  
todas despojadas de sobrenome, sem adjetivos.  
Qualquer uma cabe nesse colo,  
qualquer mulher rebelde, perseguida, procurada, criticada ou apontada.  
Somos todas bastardas,  
somos todas irmãs.  
Todas sem pai,  
todas filhas de uma mesma mãe.

Virgem milagrosa, perfumada e pecadora.  
Tem um altar diferente para seus pecados  
em cada um de nossos corpos,  
um perfume diferente fabricado  
em cada um de nossos suores,  
uma aura diferente em cada uma de nossas respirações,  
um canto diferente em cada um de nossos gemidos.

Virgem protetora de desejos e de lutas,  
de esperanças e de sonhos.  
Livre-nos de racistas, homofóbicos, corruptos,  
machistas, colonialistas e exploradores.  
Livre-nos de bispos e padres hipócritas  
que de seus púlpitos usam a morte de Jesus Cristo  
para culpabilizar uma vez mais as mulheres.  
Avise-nos quando eles vierem.  
Esconda-nos quando nos procurarem.  
Confunda-os quando nos encontrarem.  
Segure suas mãos quando nos golpearem.  
Pare seus movimentos quando nos violarem.



Virgem dos Desejos.  
Os pregadores te odeiam;  
os padres e os bispos te negam  
enquanto nos condenam à obediência e à submissão.

Virgem dos Desejos.  
Omitida das teologias,  
censurada pelos evangelhos  
e proibida nas pregações.  
Virgem perigosa.  
Virgem subversiva para todas as igrejas  
e todas as religiões  
Virgem inquietante para todos os fanatismos  
e perseguida por todos os fundamentalismos.

Virgem dos Desejos.  
É semeadora de rebeldia.  
Com sua mão santa desperta  
a palavra nas mulheres mudas,  
a alegria nas mulheres tristes  
e a rebelião nas mulheres submetidas.  
Por isso é uma virgem perigosa e ousada,  
por isso é uma virgem expulsa da mariologia<sup>23</sup>  
composta de dolorosas, abnegadas e tristes virgens.  
Virgem que mudou seus trajes  
pretos, longos e pesados  
por coloridos vestidos,  
por calças práticas,  
por lindas minis.  
Virgem autoliberada da cruz  
de carregar sempre os mortos,  
de carregar sempre os vivos,  
de carregar e carregar e carregar  
todas e qualquer cruz.

Virgem dos Desejos.  
Esclarecedora de todas as nossas dúvidas  
Delatora dos deuses que querem nos impor,  
dos mandatos com os quais querem nos atar,  
dos medos com os quais querem nos sujeitar.  
Virgem que nos ensina a não ter medo,  
a não calar, a não renunciar.

---

<sup>23</sup> Parte da teologia católica que estuda a Virgem Maria. [N.T.]

Virgem que nos ensina a atuar  
e a nos rebelar cada dia mais e mais e mais.

Virgem que se encarna  
nas que nos ensinam a amar e conhecer  
nosso corpo.

Virgem que se encarna  
nas cozinheiras do banquete da vida.  
Nas que semeiam e colhem frutas e verduras.

Nas que amassam pão e fazem queijo.

Virgem que se encarna nas parteiras.

Virgem que se encarna nas aborteiras

Virgem que se encarna  
nas que nos ensinam a acreditar em nós mesmas  
e amar o que somos.

Virgem dos desejos,  
você sabe que o céu está vazio,  
que a igreja é puro poder,  
pura hipocrisia e pura dominação.  
Você sabe que seu discurso é mentiroso  
e que sua caridade é falsa.


Virgem dos desejos fugida dos altares,  
fugida das pregações,  
fugida dos catecismos,  
fugida das confissões.

Virgem dos desejos fugida para desejar  
e ensinar o poder de desejar.

Virgem dos Desejos que é puro desejo,  
pura liberdade e pura esperança.  
Faça com que não me esqueça, nem nenhuma de minhas irmãs,  
nem velhas,  
nem jovens,  
nem pequenas,  
do desejo de buscar liberdade, felicidade e dignidade  
Aqui, abaixo, agora e na terra para sempre.  
Amém.



Abajo los dirigentes  
arriba las rebeldes

 Mujeres  
Creando